

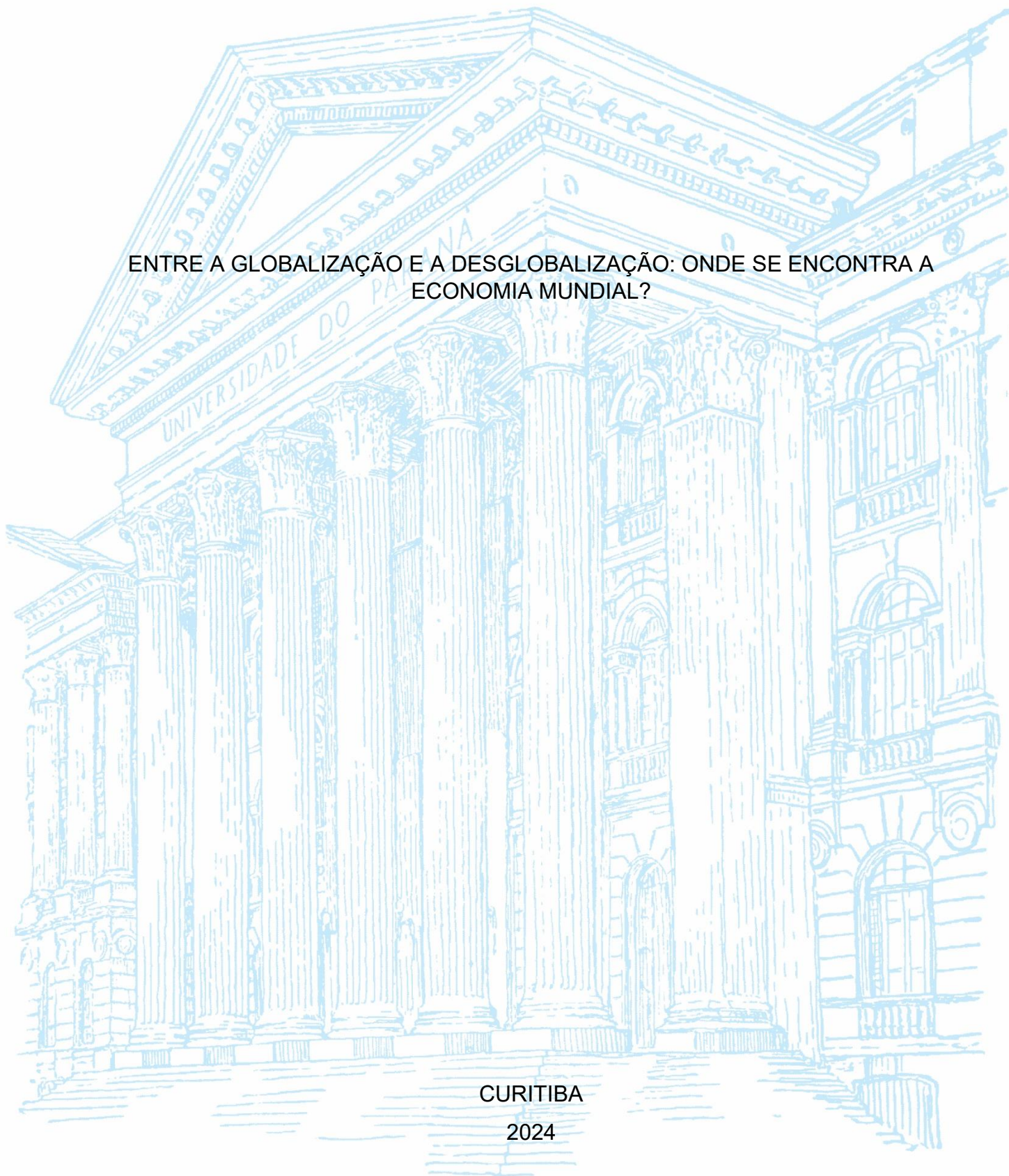
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANTÔNIO SÉRGIO BIONE PINHEIRO

ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A DESGLOBALIZAÇÃO: ONDE SE ENCONTRA A  
ECONOMIA MUNDIAL?

CURITIBA

2024



ANTÔNIO SÉRGIO BIONE PINHEIRO

ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A DESGLOBALIZAÇÃO: ONDE SE ENCONTRA A  
ECONOMIA MUNDIAL?

Monografia apresentada ao Departamento de Economia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Naves de Deus Dornelas

CURITIBA

2024

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ANTÔNIO SÉRGIO BIONE PINHEIRO**

**ENTRE A GLOBALIZAÇÃO E A DESGLOBALIZAÇÃO: ONDE SE ENCONTRA A  
ECONOMIA MUNDIAL?**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas,  
Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito  
parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

---

Profa. Dra. Larissa Naves de Deus Dornelas  
Orientadora – Departamento de Economia, UFPR

---

Profa. Dra. Dayani Cris de Aquino  
Departamento de Economia, UFPR

---

Prof. Dr. Felipe Orsolin Teixeira  
Departamento de Economia, UFPR

Curitiba, 04 de dezembro de 2024.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó, Iza, pelo seu exemplo de vida.

Ao meu pai, Gerson, e à minha mãe, Dora, por serem fonte inesgotável de amor e dedicação, sem nunca terem medido esforços para me proporcionar a melhor educação possível. A eles devo tudo.

À minha irmã, Iziane, pela cumplicidade de sempre.

Aos meus demais familiares, por todo o carinho em mim depositado.

À minha namorada, Marcella, pelo amor e apoio incondicional aos meus sonhos.

Aos meus amigos, pelas risadas e por deixarem tudo melhor, perto ou longe.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à minha orientadora, Professora Dra. Larissa, pela paciência e valiosas orientações.

## RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória da globalização nas últimas décadas, especialmente após a Crise de 2008, para verificar se o mundo entrou em uma fase de desglobalização. Trata-se de um estudo analítico que combina revisão de literatura com análise de dados quantitativos sobre comércio e finanças internacionais. A globalização é abordada como sinônimo de internacionalização, refletindo o aumento das transações e da interdependência entre os países, sob as perspectivas comercial e financeira. A desglobalização, por sua vez, é tratada como um processo de reversão desse movimento de integração. A metodologia empregada envolve duas etapas principais: primeiro, uma revisão teórica, usando literatura nacional e estrangeira, sobre os conceitos, contextos históricos e consequências, tanto da globalização quanto da desglobalização; em seguida, uma análise de dados quantitativos foi feita em busca de uma resposta para o problema proposto. Os resultados indicam que, apesar de situações desafiadoras, como a Crise de 2008 e a pandemia da Covid-19, não é possível afirmar que a economia mundial está em uma fase de desglobalização, fenômeno que não demonstrou força suficiente para suplantarmos a predominância histórica da globalização. O que se observa, principalmente após a Crise de 2008, é uma desaceleração no ritmo de integração global, caracterizando um período de globalização lenta ou estagnada, mas não uma efetiva desglobalização. É ressaltado, contudo, que devido à natureza dinâmica e complexa das relações internacionais, inclusive recentemente tensionadas pela eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos a partir de 2025, com um discurso pouco amistoso à integração comercial, é difícil fazer previsões com alto grau de confiabilidade sobre o futuro.

Palavras-chave: Globalização; Desglobalização; Integração Econômica; Comércio Internacional; Finanças Internacionais; Economia Internacional; Relações Internacionais.

## **ABSTRACT**

This paper analyzes the trajectory of globalization over recent decades, particularly after the 2008 Crisis, to determine whether the world has entered a phase of deglobalization. It is an analytical study that combines a literature review with quantitative data analysis on international trade and finance. Globalization is addressed as synonymous with internationalization, reflecting the increase in transactions and interdependence among countries from both commercial and financial perspectives. Deglobalization, in turn, is treated as a process of reversing this integration movement. The methodology employed involves two main stages: first, a theoretical review using both national and international literature on the concepts, historical contexts, and consequences of both globalization and deglobalization; then, a quantitative data analysis was conducted to seek an answer to the proposed problem. The results indicate that, despite challenging situations such as the 2008 Crisis and the Covid-19 pandemic, it is not possible to assert that the global economy is in a phase of deglobalization, a phenomenon that has not shown sufficient strength to surpass the historical predominance of globalization. What is observed, especially after the 2008 Crisis, is a slowdown in the pace of global integration, characterizing a period of slow or stagnant globalization, but not effective deglobalization. It is emphasized, however, that due to the dynamic and complex nature of international relations, recently strained by the election of Donald Trump as President of the United States from 2025, with a discourse unfriendly to trade integration, it is difficult to make highly reliable predictions about the future.

**Keywords:** Globalization; Deglobalization; Economic Integration; International Trade; International Finance; International Economics; International Relations.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                       |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| FIGURA 1 – CUSTOS DE TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO (1930-2005).....                                        | 26 |
| FIGURA 2 – CURVAS DE CUSTOS E BENEFÍCIOS MARGINAIS DA<br>GLOBALIZAÇÃO.....                            | 52 |
| FIGURA 3 – ÍNDICE DE ABERTURA COMERCIAL DO MUNDO (1970-2022).....                                     | 63 |
| FIGURA 4 – ÍNDICE DE ABERTURA FINANCEIRA (KAOPEN) PARA DIFERENTES<br>GRUPOS DE RENDA (1970-2021)..... | 64 |
| FIGURA 5 – ÍNDICE GERAL DE GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA KOF.....                                            | 66 |
| FIGURA 6 – ÍNDICE GERAL DE GLOBALIZAÇÃO COMERCIAL KOF .....                                           | 67 |
| FIGURA 7 – ÍNDICE GERAL DE GLOBALIZAÇÃO FINANCEIRA KOF .....                                          | 68 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| TABELA 1 – FASES DE DESGLOBALIZAÇÃO .....                 | 43 |
| TABELA 2 – REGRAS DE OURO DA ERA DA DESGLOBALIZAÇÃO ..... | 48 |

## SUMÁRIO

|          |                                                       |           |
|----------|-------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                               | <b>10</b> |
| <b>2</b> | <b>GLOBALIZAÇÃO.....</b>                              | <b>13</b> |
| 2.1      | CONCEITO.....                                         | 13        |
| 2.2      | CONTEXTO HISTÓRICO .....                              | 16        |
| 2.2.1    | Marco inicial.....                                    | 16        |
| 2.2.2    | Possíveis causas .....                                | 19        |
| 2.2.3    | Condições.....                                        | 20        |
| 2.3      | PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS NORMALMENTE ASSOCIADAS ..... | 29        |
| 2.3.1    | Possíveis consequências positivas.....                | 29        |
| 2.3.2    | Possíveis consequências negativas .....               | 34        |
| <b>3</b> | <b>DESGLOBALIZAÇÃO .....</b>                          | <b>40</b> |
| 3.1      | CONCEITO.....                                         | 40        |
| 3.2      | CONTEXTO HISTÓRICO .....                              | 43        |
| 3.2.1    | Marco inicial.....                                    | 43        |
| 3.2.2    | Possíveis causas .....                                | 46        |
| 3.3      | PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS NORMALMENTE ASSOCIADAS ..... | 53        |
| 3.3.1    | Possíveis consequências positivas.....                | 54        |
| 3.3.2    | Possíveis consequências negativas .....               | 58        |
| <b>4</b> | <b>ANÁLISE DE DADOS E UM POUCO ALÉM DELES .....</b>   | <b>61</b> |
| 4.1      | MEDINDO A GLOBALIZAÇÃO.....                           | 61        |
| 4.2      | UM POUCO ALÉM DOS DADOS.....                          | 71        |
|          | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                     | <b>75</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                               | <b>77</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Em 15 de dezembro de 2000, Marc Lacey, atual editor-chefe do prestigiado *The New York Times*, publicou um artigo abordando o que seria a última viagem internacional do então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que seria sucedido, no início de 2001, pelo republicano George W. Bush.

Na ocasião, Lacey (2000, p. 18, tradução nossa) afirmou que “Clinton fez da globalização um mantra da sua política externa, perseguindo uma agenda de livre comércio resistida por muitos.”<sup>1</sup> Na sequência, reproduziu uma célebre frase do então presidente americano, proferida nessa viagem de despedida ao Reino Unido: “Então, a grande questão diante de nós não é se a globalização vai prosseguir, mas como.”<sup>2</sup>

A frase ilustra bem o sentimento que parece ter sido dominante no debate a respeito do tema, especialmente nas duas últimas décadas do século XX. E não apenas restrito ao discurso político. Os meios de comunicação e a literatura acadêmica da época estão repletos de afirmações semelhantes.

Por certo, nunca houve unanimidade. Nem sobre o valor da globalização, tampouco sobre o seu futuro.

Enquanto muitos celebravam os alegados benefícios do processo, outros tantos o criticavam, atribuindo-lhe diversos malefícios. Afinal, a globalização seria boa ou má?

Em relação ao futuro, o mundo estaria destinado a ser cada vez mais globalizado, como anunciava Clinton, ou havia outro caminho a ser trilhado? Essas dúvidas sempre foram objeto de intensos debates. Todavia, poucos ousavam discordar de um fato: a globalização há muito tempo vinha se intensificando e seus efeitos, sejam eles positivos ou negativos, podiam ser sentidos no âmago de toda a sociedade.

O século XXI teve início e, já em 2008, o mundo mergulhou em uma enorme crise financeira, que teve os Estados Unidos como epicentro, mas que se alastrou pelas demais nações, tal como é de se esperar em um ambiente globalizado, com seus canais comerciais e financeiros interligados. A partir de então, algumas certezas

---

<sup>1</sup> Texto original: *Mr. Clinton has made globalization a foreign policy mantra, pursuing a free-trade agenda resisted by many.*

<sup>2</sup> Texto original: *The great question before us is not whether globalization will proceed, but how.*

viraram dúvidas. O avanço da globalização, fato praticamente inquestionável de outrora, passou a ser questionado.

Alguns afirmam que se instaurou um processo de reversão da integração comercial e financeira, ao qual se deu o nome de desglobalização. Por trás desse novo fenômeno, está a ideia básica de que as “regras de ouro da globalização”, sobre as quais se falará ao longo deste trabalho, deixaram de ser observadas ao redor do mundo, que começou a dar passos para trás no caminho até então trilhado.

Se um mundo completamente sem fronteiras, ao menos do ponto de vista teórico, seria o último ato da globalização, a sua antítese perfeita seria a desglobalização completa, em que os países seriam totalmente fechados, sem qualquer tipo de relação entre si.

Ambos os cenários podem ser encarados como meramente fictícios, situados nos extremos de uma espécie de régua capaz de medir o nível geral de relação entre as nações, uma vez que, ao longo da história, a humanidade sempre esteve em algum ponto localizado entre essas margens, mas nunca exatamente na borda.

Descrevê-los, portanto, tem contornos didáticos, revelando-se útil para ilustrar que o nível de relacionamento entre os países não é estático, mas variável ao longo do tempo, podendo fluir entre dois extremos. Ao caminhar no sentido da integração, tem-se o fenômeno da globalização; se o movimento ocorre para o lado do isolacionismo, surge o fenômeno oposto, da desglobalização.

Esse é, portanto, o campo de estudo deste trabalho, que se debruçará sobre dados colhidos a partir de 1970, para compreender a trajetória da globalização ao longo de um horizonte temporal de cerca de meio século e, então, verificar se, especialmente após a Crise de 2008, é possível afirmar que o mundo entrou em uma fase de desglobalização.

Antes, contudo, de se debruçar sobre os dados, será feita uma revisão da literatura sobre ambos os movimentos, com seções próprias dedicadas a eles. Em cada uma dessas seções, o conceito do respectivo fenômeno será abordado, seguido por uma contextualização histórica, que abrangerá os debates sobre seu marco inicial, possíveis causas e, quando aplicável, condições para o seu desenvolvimento. Por fim, também serão estudadas as possíveis consequências normalmente atribuídas a tais processos.

Reconhecendo-se a complexidade e abrangência do assunto, sublinha-se que a perspectiva deste trabalho será sempre econômica, com enfoque na relação comercial e financeira entre os países, corte epistemológico que se julga necessário para um adequado aprofundamento dos temas.

## 2 GLOBALIZAÇÃO

O uso da palavra “globalização”, segundo Robertson (1998), começou a popularizar-se no meio acadêmico em meados da década de 1980; a ideia por trás do termo, todavia, é bem mais antiga.

Há mais de um século, Keynes (1919, p. 6, tradução nossa) já enxergava a presença do fenômeno na sociedade europeia antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial, o que fica claro a partir da seguinte descrição que ele faz para ilustrar as possibilidades da época:

Bebericando o chá da manhã, antes de deixar o leito, o habitante de Londres podia encomendar pelo telefone vários produtos de todo o mundo, na quantidade desejada, e era razoável esperar que todos lhe fossem entregues em casa. No mesmo momento e pelos mesmos meios podia aplicar sua riqueza nos recursos naturais e em novos empreendimentos em qualquer parte da terra, participando assim, sem esforço ou trabalho, dos frutos em perspectiva. Ou então podia decidir garantir a segurança da sua fortuna com a boa fé dos habitantes de qualquer município importante selecionado pela sua informação ou fantasia, em qualquer continente. Se o desejasse podia obter imediatamente meios de transporte baratos e confortáveis para qualquer país ou clima, sem precisar de passaporte ou de qualquer outra formalidade; podia enviar um empregado à agência bancária mais próxima para suprir-se de metais preciosos, e depois viajar para o exterior, sem conhecer a religião, a língua ou os costumes do país visitado, levando os recursos vinculados à sua pessoa, e considerando surpreendente e impertinente a menor interferência à sua movimentação. E, mais importante ainda, achava essa situação normal, segura e permanente, exceto no sentido de um aprimoramento adicional; e considerava qualquer desvio como algo aberrante, escandaloso e perfeitamente evitável.

A globalização será o objeto de estudo desta seção, que abordará o conceito e, em seguida, apresentará uma contextualização histórica do fenômeno, abrangendo seu marco inicial, as causas que o desencadearam e as condições que permitiram seu desenvolvimento. Para finalizar, serão apresentadas as principais consequências, positivas e negativas, a ele normalmente associadas.

### 2.1 CONCEITO

“Globalização” é uma palavra abrangente, que comporta múltiplos significados, a depender do enfoque dado por quem a utiliza, de modo que ela pode ser facilmente empregada em diferentes contextos.

Segundo Scholte (2002), há quem aceite que o termo possui um conceito vago e, portanto, não veja muito sentido em tentar defini-lo de forma precisa. Entretanto, ele alerta que este tipo de abordagem abre espaço para que muitos políticos culpem uma indefinida “globalização” por uma variedade de dificuldades, às vezes para desviar a atenção de seus próprios fracassos. De igual modo, permite que ativistas sociais defendam uma bandeira não especificada de “antiglobalização”, aglutinando elementos diversos (e, às vezes, até contraditórios), bem como que muitos autores e editores publiquem textos contendo a palavra “globalização” em seus títulos, mas que, na verdade, pouco abordam sobre o assunto.

Para evitar equívocos dessa natureza, ele ressalta a importância de uma definição precisa de globalização. Não à toa, inicia seu artigo da seguinte forma: “Definição não é tudo, mas tudo envolve definição. O conhecimento da globalização é, essencialmente, uma função de como a palavra é definida”<sup>3</sup> (Scholte, 2002, p. 3, tradução nossa).

Ainda de acordo com o referido autor, as quatro definições comumente utilizadas sobre globalização enxergam o fenômeno como:

- a) **internacionalização**: representa um aumento das transações e da interdependência entre os países, de modo que um mundo mais global é aquele em que as atividades transfronteiriças se intensificam;
- b) **liberalização**: consiste em um processo de remoção de restrições impostas à movimentação de recursos entre os países, de modo que seu aprofundamento representaria uma redução, ou até mesmo extinção, de medidas regulatórias, tais como barreiras comerciais, restrições cambiais, controles de capital e exigência de vistos. O estudo da globalização seria, portanto, um debate sobre as políticas macroeconômicas neoliberais;
- c) **universalização**: exprime a dispersão de objetos e experiências para todas as partes habitadas da Terra. Trata-se de uma definição apoiada na homogeneização mundial, com convergência política, econômica, jurídica e cultural; ou
- d) **ocidentalização**: corresponde a uma espécie particular da universalização, em que as estruturas do mundo ocidental – representado

---

<sup>3</sup> Texto original: *Definition is not everything, but everything involves definition. Knowledge of globalization is substantially a function of how the word is defined.*

pela Europa Ocidental e pela América do Norte – expandem-se para todo o mundo, destruindo culturas pré-existentes e a autodeterminação local neste processo, como uma forma de imperialismo contemporâneo.

Ele critica todas essas definições por julgá-las redundantes e incapazes de fornecer um novo olhar sobre o assunto. Propõe, então, uma quinta definição, em que identifica a globalização a partir da disseminação de **conexões transplanetárias** – na contemporaneidade, supraterritoriais – **entre as pessoas**. Em outras palavras, visualiza o fenômeno sob a perspectiva de redução das barreiras aos contatos transmundiais, de modo que as pessoas se tornam mais capazes – física, legal, cultural e psicologicamente – de se envolverem umas com as outras em apenas “um mundo”.

Trata-se de uma concepção mais voltada para a natureza do espaço social, enfatizando que a esfera global é um espaço social por direito próprio, e não apenas uma coleção de unidades geográficas menores, como países e regiões. Logo, “relações internacionais” refletiriam o intercâmbio entre os países, enquanto “relações globais” indicariam o intercâmbio ocorrido dentro do mundo.

Não obstante o respeitável posicionamento do citado autor, que propõe um novo e válido conceito de globalização, entende-se que a palavra também pode ser validamente empregada em um dos quatro sentidos por ele descritos como usuais, desde que, é claro, haja uma clara indicação da concepção adotada.

A globalização é um fenômeno de múltiplas faces, mas todas elas têm em comum a ideia de aproximação.

Ele próprio reconhece que o conceito por ele proposto, embora diferente, possui alguma sobreposição e conexão com as definições usuais de internacionalização, liberalização, universalização e ocidentalização, acrescentando, como não poderia deixar de ser, que não possui a intenção de estabelecer a última palavra sobre o significado do termo, mas de estimular a reflexão, o debate e, eventualmente, provocar a reescrita do seu texto:

Embora a globalização, tal como definida neste artigo, tenha alguma sobreposição e conexões com a internacionalização, liberalização, universalização e ocidentalização, ela não é equivalente a nenhum desses conceitos e tendências mais antigos. É claro que a concepção de globalização elaborada neste artigo não pretende de forma alguma ser a última palavra sobre o que o termo pode significar. Como ressaltado anteriormente, nenhuma definição é definitiva. O objetivo deste artigo não foi emitir um pronunciamento final, mas oferecer ideias sempre provisórias que

provoquem mais reflexão, debate e, eventualmente, outra reescrita deste texto (Scholte, 2002, p. 34, tradução nossa).<sup>4</sup>

Para o presente trabalho, sobretudo considerando seu **escopo econômico**, a globalização será compreendida como sinônimo de internacionalização, de modo a refletir um aumento das transações e da interdependência entre os países, sob as perspectivas comercial e financeira, sem ignorar que as demais definições listadas por Scholte (2002) traduzem ideias que podem ser abordadas no contexto da globalização-internacionalização, porque intimamente ligadas a ela, mas receberão as respectivas designações (liberalização, universalização ou ocidentalização), em respeito à clareza e precisão das ideias que se pretende desenvolver.

## 2.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Para uma melhor compreensão sobre o tema, entende-se fundamental abordá-lo a partir de uma perspectiva histórica, na medida em que, na condição de fenômeno socioeconômico, ele está em permanente interação com o meio em que se manifesta, influenciando e sendo influenciado pelos acontecimentos históricos que lhe são relacionados.

O intuito das próximas subseções, portanto, será o de tentar apresentar um ponto de partida para o processo de globalização, as causas que lhe deram origem e as condições para o seu desenvolvimento, sempre buscando estabelecer um encadeamento lógico entre os fatos.

### 2.2.1 Marco inicial

Discorrer a respeito do processo de globalização sob uma perspectiva histórica exige, além do estabelecimento de um conceito, a adoção de critérios, que

---

<sup>4</sup> Texto original: *Although globalization as defined in this paper has some overlap with, and connections to, internationalization, liberalization, universalization and westernization, it is not equivalent to any of these older concepts and trends. Of course, the conception of globalization elaborated in this paper is in no way intended to be the last word about what the term might mean. As stressed earlier, no definition is definitive. The aim of this paper has not been to issue a final pronouncement, but to offer ever provisional ideas that provoke further reflection, debate and, eventually, another rewrite of this text.*

podem ser mais ou menos amplos, e que ajudarão a posicionar o fenômeno em uma linha do tempo.

Dito de outra forma: a depender dos critérios adotados por quem analisa o fenômeno, o que é, em certa medida, arbitrário, a globalização pode ter marcos temporais bem distintos ao longo da história.

Em uma perspectiva mais ampla, seu início pode ser associado ao século XI. Neste sentido, Hansen (2021, não p.) defende que “O ano 1000 marcou o início da globalização. Foi quando as rotas comerciais ganharam forma no mundo todo, permitindo que produtos, tecnologias, religiões e pessoas saíssem de casa e fossem a um lugar novo.”

Foi nessa época, explica a autora, que exploradores *vikings* deixaram a Escandinávia e cruzaram o Atlântico Norte até a ilha de Terra Nova (*Newfoundland*), situada no nordeste do Canadá, permitindo, a partir de então, a conexão das rotas comerciais preexistentes dentro das Américas com as da Europa, Ásia e África, de modo que, pela primeira vez na história, era possível afirmar que todo o globo terrestre estava, de alguma forma, conectado.

Ela não ignora que muito antes do ano 1000 já existiam rotas comerciais ligando diferentes povos, de diferentes partes do mundo, mas ratifica que foi por volta dessa época que se iniciou uma conexão territorial mais abrangente, que deu origem ao processo que hoje é chamado de globalização.

Por sua vez, há quem ofereça uma perspectiva um pouco mais restrita, como é o caso de Hausberger (2018), para quem a globalização teve início por volta do século XVI, com o processo de construção de uma ampla rede de relações de diversos tipos que, juntas, cobriram todo o globo. Para ele, isso ocorreu próximo ao ano de 1500, época marcada pela exploração dos navegadores e conquistadores dos reinos de Espanha e Portugal, aos quais, um pouco mais tarde, se juntariam outras monarquias europeias.

De forma lúcida, o autor deixa claro que não é possível entregar exatidão quanto ao tema, uma vez que tudo depende dos critérios adotados por quem analisa a história, mas se alinha, sem margem para dúvidas, aos que relacionam o início da globalização ao século XVI:

A própria história da globalização começou quando as ligações se espalharam pelo globo. Dito isso, é de importância secundária se se

considera o ano de 1492, com a primeira viagem de Colombo, como um momento de transição; 1521, com a primeira circum-navegação da terra, ou 1571, com a conexão dos fluxos globais de metais preciosos pela fundação de Manila como uma dobradiça comercial entre a América espanhola e a China.

Foi durante o século XVI que as conexões adquiriram seu caráter global, para se intensificar nos séculos vindouros. Elas sempre foram realizadas por diferentes mecanismos e em diferentes campos e se manifestariam – apesar de fortes retrocessos e mudanças dramáticas de seus centros – de forma irreversível (Hausberger, 2018, p. 38, tradução nossa).<sup>5</sup>

Por fim, há autores, como Levinson (2021), que utilizam uma perspectiva ainda mais restrita, identificando o início da globalização em meados do século XIX, em sintonia com o nascimento do capitalismo industrial, quando as potências europeias criaram teias comerciais na África e na Ásia, defendendo seus interesses com apoio de forças militares e de funcionários civis.

Endossando esse entendimento, Daudin, Morys e O'Rourke (2010) apontam o período compreendido entre 1870 e 1914 como marcante para a globalização, dada as crescentes transferências de mercadorias, pessoas, capital e ideias entre e dentro dos continentes.

Levinson (2021, p. 11) caracteriza a época da seguinte forma:

Durante essa Primeira Globalização, os empréstimos internacionais eram rotineiros e, em muitos países, as exportações e importações representavam grandes parcelas da atividade econômica. Os imigrantes cruzavam as fronteiras às dezenas de milhões, e temas da China e do Taiti adentraram a arte europeia. O mundo parecia ter ficado tão interconectado que uma guerra seria impossível, até que a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em agosto de 1914, levou a Primeira Globalização a um fim abrupto.

Diferente do que pode sugerir uma primeira leitura mais apressada, as visões de todos os autores acima mencionados possuem mais semelhanças do que diferenças entre si.

---

<sup>5</sup> Texto original: *La historia de la globalización propiamente se inició cuando las vinculaciones abarcaron todo el globo. Dicho esto, es de importancia secundaria si se considera como momento de transición el año 1492, con el primer viaje de Colón; 1521, con la primera circunnavegación de la tierra, o 1571, con la conexión de los flujos globales de metales preciosos por la fundación de Manila como bisagra comercial entre la América española y China.*

*Fue durante el siglo XVI cuando las conexiones adquirieron su carácter global, para intensificarse en los siglos venideros. Siempre se realizaron mediante diferentes mecanismos y en diferentes campos y se manifestarían — no obstante fuertes reveses y dramáticos desplazamientos de sus centros — de manera irreversible.*

Na essência, todos eles parecem enxergar o fenômeno da globalização como algo mais próximo à ideia de internacionalização, eis que vinculado ao aumento das trocas entre os países, especialmente as de natureza comercial e financeira, ainda que sem se limitar a estas.

A diferença fundamental fica por conta da maior flexibilidade ou rigidez na hora de relacionar acontecimentos históricos ao processo de globalização. Para os mais flexíveis, a abertura de rotas comerciais ligando todos os continentes, por mais incipientes que fossem, já configuraria o início do processo globalizante, enquanto para outros, mais rígidos, só a partir de uma verdadeira intensificação dessas relações internacionais é que seria possível falar em globalização.

Conforme já dito anteriormente, o fenômeno, embora dotado de múltiplas faces, é um só, de modo que, seja qual for o marco inicial que se adote, revela-se mais importante entender as causas e as condições que lhe impulsionaram ao longo da história.

### 2.2.2 Possíveis causas

A tendência do ser humano a desbravar o desconhecido não é propriamente uma novidade. As causas para a adoção desse comportamento são variadas, mas o desejo de obter bens que apenas estão disponíveis fora de sua realidade local certamente merece destaque (Stearns, 2009).

O historiador acrescenta que com a abertura dessas conexões entre diferentes localidades, mais do que bens, também conhecimentos foram difundidos, sendo razoável supor, inclusive, que alguns indivíduos devem ter se movido apenas em busca de novas experiências, sem um cálculo preciso de qual seria o seu ganho, do ponto de vista comercial ou pessoal.

Ademais, expõe que fatores de índole local, como a aglomeração populacional e/ou o esgotamento dos recursos naturais da sua região, também devem ter contribuído para esse ânimo de movimentar-se.

Analisando sob uma perspectiva macro, Harari (2020, p. 188) enfatiza que as bases para o mundo unificado foram construídas por interesses econômicos, políticos e religiosos:

Comerciantes, conquistadores e profetas foram os primeiros que conseguiram transcender a divisão evolutiva binária do “nós versus eles”, antevendo a unidade potencial da humanidade. Para os comerciantes, o mundo inteiro era um único mercado, e todos os humanos eram fregueses em potencial. Eles tentaram estabelecer uma ordem econômica que se aplicasse a todos e em toda parte. Para os conquistadores, o mundo inteiro era um único império, e todos os humanos eram súditos em potencial. E, para os profetas, o mundo inteiro tinha uma única verdade, e todos os humanos era fiéis em potencial. Eles também tentaram estabelecer uma ordem que poderia ser aplicada a todos e em toda parte.

Ou seja, os motivos que, na origem, influenciaram os seres humanos a adotarem uma postura globalizante podem ser divididos em econômicos, políticos e religiosos, sem se ignorar a frequente interseção existente entre eles.

### 2.2.3 Condições

Ainda que presentes os motivos, o processo de globalização seria severamente retardado (ou até inviabilizado) caso não surgissem as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

É justamente nesta senda que os **avanços tecnológicos** se encaixam, especialmente nas áreas do **transporte** e da **comunicação**.

Para aqueles que consideram o ano 1000 como o início do processo de globalização, é importante destacar que não houve, nesse período, uma notável revolução tecnológica, algo dramático que mudasse completamente a forma como as pessoas se locomoviam ou se comunicavam. Mas, segundo Stearns (2009), registrou-se, na época, um acúmulo de desenvolvimentos na navegação, nas rotas comerciais e na difusão cultural, que contribuíram para conformar o fenômeno durante os séculos seguintes.

É certo que o comércio impulsionou a criação e o aperfeiçoamento de ferramentas tecnológicas que facilitaram a navegação. Neste contexto, os árabes foram responsáveis pela invenção do *kamal*<sup>6</sup> e por melhorias do astrolábio<sup>7</sup>. Os chineses, por sua vez, desenvolveram a bússola, consagrada ferramenta de orientação geográfica, capaz de funcionar em qualquer condição climática, e até hoje utilizada.

---

<sup>6</sup> Instrumento utilizado para determinar a latitude de uma embarcação a partir da altura das estrelas.

<sup>7</sup> Dispositivo de origem grega, que permite a realização de diversos cálculos, auxiliando em diversas tarefas importantes para os transportes terrestre e marítimo

Não se pode ignorar, ainda, a utilização de navios melhores, com velas triangulares, que permitiam maior flexibilidade no aproveitamento dos ventos, que provinham de diferentes direções.

No que diz respeito à comunicação, Stearns (2009) explica que a produção de papel se difundiu pela Europa não-mulçumana, proporcionando uma explosão de livros e registros, vitais para transações comerciais, operações administrativas e treinamento religioso, três elementos que, não por acaso, se casam perfeitamente com as três ordens universais referidas por Harari (2020), as quais pavimentaram o caminho para um mundo globalizado: as ordens econômica, política e religiosa.

Unindo transporte e comunicação, é importante sublinhar também o surgimento de mapas e cartas de navegação cada vez mais precisos, diminuindo as incertezas das viagens.

As inovações tecnológicas seguiram ganhando corpo ao longo dos séculos seguintes.

Na época das grandes navegações, por volta do ano 1500, as Américas foram mais integradas às rotas comerciais preexistentes e teve início o colonialismo moderno.

Os avanços de tecnologias militares permitiram aos europeus adquirirem substancial participação no comércio global e ampliarem suas conexões pelo mundo, especialmente pelo uso da força.

Stearns (2009, p. 62, tradução nossa) aponta a supremacia das rotas marítimas sobre as terrestres:

Pela primeira vez, de fato, as rotas marítimas começaram a superar em muito as rotas terrestres em termos de serviço como principais artérias de comércio. Um resultado direto da mudança tecnológica, somado à experiência crescente, envolveu novas habilidades para se mover para territórios até então desconhecidos.<sup>8</sup>

Voltando ao campo das comunicações, merece destaque a invenção de impressoras mais eficientes na Europa, permitindo a difusão de livros e outros materiais impressos mundo afora, incluindo regras e diretrizes para subordinados distantes.

---

<sup>8</sup> Texto original: *For the first time, indeed, sea routes began greatly to surpass land routes in terms of service as major arteries of trade. A direct result of technological change, plus growing experience, involved new abilities to move into previously uncharted territories.*

Com as transações comerciais já bem estabelecidas, surgiram novas empresas dedicadas ao comércio internacional, como a Companhia Britânica das Índias Orientais (*East India Company – EIC*), nascida em 1600, e a Companhia Holandesas das Índias Orientais (*Vereenigde Oost-Indische Compagnie – VOC*), fundada em 1602, a qual reuniu diversos acionistas para financiar suas empreitadas além-mar e talvez seja a primeira corporação multinacional do mundo.

Para se ter uma ideia, Stearns (2009) anota que em 1669, a VOC era a empresa privada mais rica até então existente, com mais de 150 navios mercantes, 40 navios de guerra, 50 mil funcionários e um exército de 10 mil soldados.

Estava claro que o mundo estava se integrando, mas ainda havia limitações.

É inegável que uma constante evolução tecnológica permitiu a globalização chegar àquele estágio, mas evolução não é o mesmo que revolução.

Passos mais firmes rumo a uma mudança significativa foram dados no fim do século XVIII, época em que teve início a Revolução Industrial, movimento que nasceu na Inglaterra e foi vital para impulsionar de vez o processo de globalização, especialmente na fase mais capitalista daquela, na segunda metade do século XIX.

Nesse período, o mundo testemunhou o surgimento de transportes por trens e navios a vapor, além de significativos avanços nas comunicações, com linhas telegráficas entre os Estados Unidos e a América Latina e Europa, além de linhas de cabos submarinos para a Ásia, permitindo interações comerciais e trocas de notícias mais rápidas do que nunca, que elevaram o fenômeno da globalização a outro patamar.

Obras de infraestrutura, como a construção de novos grandes canais, também tiveram sua parcela significativa de contribuição, na medida em que encurtaram as distâncias navegáveis entre os diferentes continentes. Em 1869 foi inaugurado, no Egito, o Canal de Suez, que liga o Mar Vermelho ao Mar Mediterrâneo, conectando a Europa à Ásia Meridional, sem a necessidade de se contornar o continente africano, o que encurtou pela metade a distância entre a Europa e a Índia, por exemplo. Por volta de 1881, teve início a construção do Canal do Panamá. Inaugurado apenas em 1914, ele corta a América Central, ligando os oceanos Atlântico e Pacífico, revelando-se fundamental para transportar mercadorias asiáticas ao mercado dos EUA, com enorme redução de tempo e de custos.

As mudanças do período foram muitas.

Na década de 1890 as comunicações telefônicas internacionais começaram a surgir e, em 1901, veio a conexão de rádio sem fio através do Atlântico.

Em adição aos avanços tecnológicos, no **espectro político**, Stearns (2009, p. 97, tradução nossa) explica que as principais potências europeias, lideradas pela Grã-Bretanha e, com alguma hesitação, os Estados Unidos, avançaram em direção ao livre-comércio, reduzindo barreiras alfandegárias a produtos estrangeiros e pressionando outros países a fazerem o mesmo, inclusive mediante o uso de força bélica. O imperialismo da Europa e dos Estados Unidos mostrava suas credenciais. Aqui, é inegável que o conceito de globalização utilizado pelo autor se aproxima das ideias de liberalização e de ocidentalização:

Mudanças cruciais na política adicionaram um último elemento ao quadro da globalização no fim do século 19, embora reconhecidamente com algumas complexidades. Lideradas pela Grã-Bretanha, as principais potências europeias e, mais hesitantemente, os Estados Unidos, avançaram em direção a um padrão de redução de tarifas sobre produtos estrangeiros, na suposição de que um comércio mais livre acabaria beneficiando todos os participantes. A Grã-Bretanha começou a se voltar para essa política na década de 1830, confiante em seu poder competitivo como o primeiro industrializador do mundo. Outros grandes países se atrasaram um pouco, por exemplo, tentando proteger os agricultores locais da concorrência excessiva dos grãos baratos da América do Norte; mas havia um interesse geral, pelo menos, em reduzir as barreiras. O segundo componente dessa mudança de política envolveu a força que os imperialistas europeus e norte-americanos começaram a aplicar a outros países para abrir seus mercados mais plenamente.<sup>9</sup>

Sobre o assunto, é oportuno abrir um parêntese: Chang (2004, p. 49) apresenta uma visão diferente, sobretudo em relação à alegada adesão dos Estados Unidos ao livre-comércio. Para ele, “uma leitura mais cuidadosa e menos tendenciosa da história revela que é impossível subestimar a importância da proteção à indústria nascente no desenvolvimento do país.”

Abordando o século XIX, o economista sul-coreano destaca que até a Guerra de 1812, travada entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, o nível médio das tarifas

---

<sup>9</sup> Texto original: *Key changes in policy added a final element to the framework for globalization in the later 19th century, though admittedly with some complexities. Headed by Great Britain, major European powers, and more hesitantly the United States, moved toward a pattern of reducing tariffs on foreign goods, on the assumption that freer trade would ultimately benefit all participants. Britain began turning toward this policy in the 1830s, confident in its competitive power as the world's first industrializer. Other major countries held back a bit, for example in trying to protect local farmers from too much competition from the cheap grains of North America; but there was a general interest at least in reducing barriers. The second component of this policy shift involved the force European and United States imperialists began to apply to other countries toward opening their markets more fully.*

aplicadas pelos norte-americanos sobre importações ficou em torno de 12,5%, dobrando a partir de então, especialmente para suportar as despesas da guerra. O conflito terminou em 1815, mas no ano seguinte uma nova lei determinou a manutenção das tarifas protecionistas em patamares elevados, ainda que aquela receita não fosse mais imprescindível, o que sugere que a finalidade primária passou a ser apoiar a indústria nascente (objetivo extrafiscal), e não puramente arrecadar (objetivo fiscal).

Em 1820, a tarifa média de importação de bens manufaturados era algo próximo de 40%, oscilando nas décadas seguintes, ora com aumento do protecionismo, ora com redução.

O período de 1846 a 1861 é descrito por Bairoch (1993, p. 34, tradução nossa) como sendo de protecionismo moderado: “De 1846 a 1861 veio um período que às vezes se diz ter sido liberal, mas deveria ser descrito com mais precisão como um protecionismo bastante modesto.”<sup>10</sup>

Ademais, observa Chang (2004) que até meados de 1870 o custo do transporte era bem alto, de modo que as tarifas de importação norte-americanas, na prática, eram uma barreira ainda mais alta do que as alíquotas anunciavam.

Ele também afirma que a Guerra da secessão (1861-1865) não foi impulsionada apenas pela questão da escravidão, sendo certo que a questão tarifária exerceu um relevante papel para a deflagração do conflito.

Assim, o autor indica que “Só depois da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos – com a sua incontestável supremacia industrial – finalmente liberaram o comércio e passaram a pregar o livre comércio” (Chang, 2004, p. 58).

Na mesma linha de compreensão, no sentido de que o protecionismo prevaleceu na política norte-americana até o fim da Segunda Guerra Mundial, afirma Bairoch (1993, p. 34, tradução nossa): “A fase final, que durou de 1861 até o final do nosso período (e de fato até o fim da Segunda Guerra Mundial), foi de protecionismo estrito.”<sup>11</sup>

No que diz respeito à Inglaterra, parece haver maior consenso, pois é inegável que, durante a segunda metade do século XIX, ela realmente aderiu e incentivou o

---

<sup>10</sup> Texto original: *From 1846 to 1861 came a period which is sometimes said to have been liberal, but should more accurately be described as one of very modest protectionism.*

<sup>11</sup> *The final phase, wich lasted from 1861 to the end of our period (and in fact to the end of World War II), was one of strict protectionism.*

livre-comércio, mas não sem antes atingir uma supremacia tecnológica que lhe permitiu garantir uma vantagem competitiva sobre seus concorrentes, conquistada após impor elevadas e duradoras barreiras tarifárias (Bairoch, 1993).

Fechado o parêntese, seja como for, dado todo o contexto analisado, é possível afirmar que as condições para o avanço da globalização se fizeram cada vez mais presentes ao longo do século XIX, especialmente no que diz respeito aos avanços tecnológicos nas áreas de transporte e comunicação, mas sem olvidar também do ambiente político, em que o protagonismo coube aos ingleses.

O mundo, definitivamente, havia encolhido.

No século XX, não obstante alguns entraves ao desenvolvimento da globalização, como as duas grandes guerras mundiais e, entre elas, a Crise de 1929, é correto afirmar que as condições necessárias ao seu desenvolvimento continuaram a florescer.

Os avanços tecnológicos, nas já mencionadas áreas de transporte e comunicação, assumiram proporções cada vez maiores.

De acordo com Stearns (2009), o uso de aviões para viagens transcontinentais regulares teve início no fim da década de 1930, sendo certo que a utilização de motores a jato, em contraposição às aeronaves movidas a hélice, ampliou o alcance e diminuiu o tempo dessas viagens, de modo que, em 1952, a *British Overseas Airways* estabeleceu o primeiro serviço regular de jatos, entre Londres, na Inglaterra, e Joanesburgo, na África do Sul.

Como se pode imaginar, as viagens não se restringiram ao deslocamento de pessoas. O transporte aéreo tornou-se importante opção de frete de cargas, especialmente as altamente perecíveis.

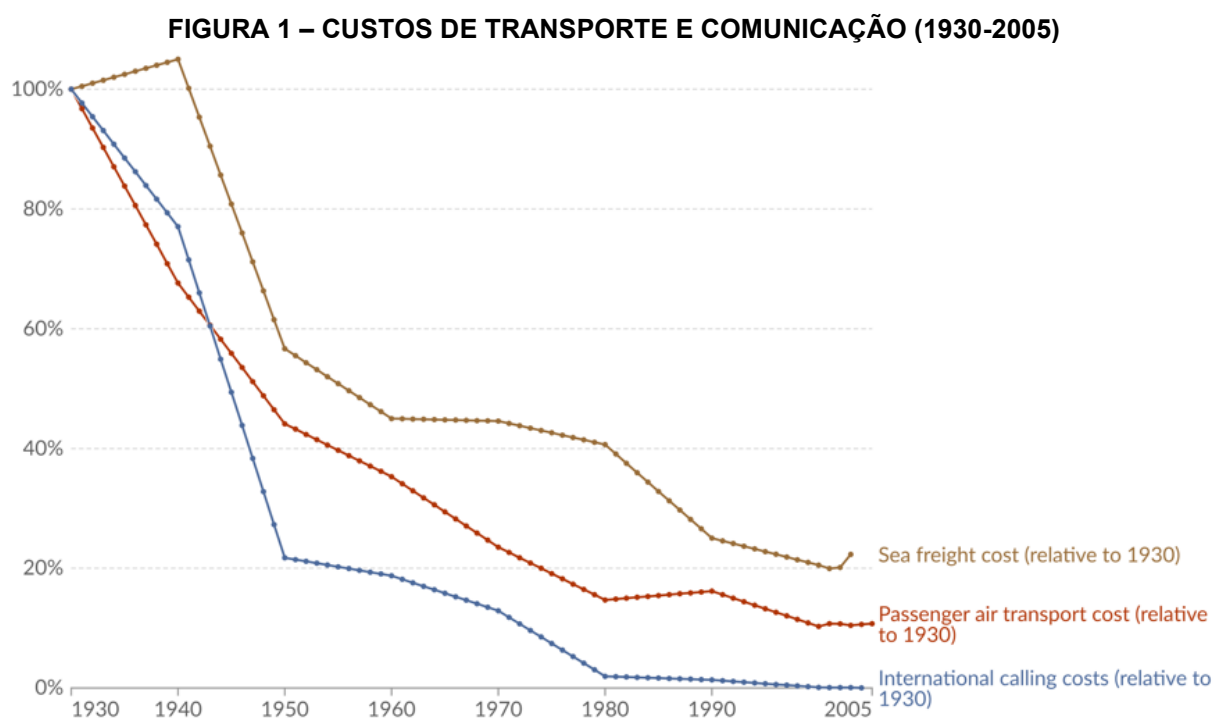
Ainda segundo o mencionado autor, o campo da comunicação não ficou para trás. A possibilidade de lançar satélites ao espaço, a fim de, entre outros usos possíveis, permitir chamadas telefônicas intercontinentais em volume superior ao permitido pelos cabos submarinos, já vinha sendo estudada, quando, em 1957, a União Soviética lançou o *Sputnik 1*, cuja função inicial era transmitir um sinal de rádio durante certo período, abrindo os caminhos para desenvolvimentos subsequentes, que levaram a um extraordinário impulsionamento das comunicações.

Além de chamadas telefônicas internacionais de baixo custo, os satélites permitiram o envio de sinais de televisão para todo o mundo e, principalmente, o

desenvolvimento da internet, que revolucionou de vez a forma pela qual pessoas, empresas e governos se comunicam, a uma velocidade até então jamais vista.

Após permitir a comunicação global por meio de computadores, a internet foi integrada aos celulares e a outros dispositivos, ampliando ainda mais suas possibilidades de uso, que hoje, não é exagero afirmar, são infinitas.

Dados fornecidos pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) ajudam a fornecer uma dimensão da enorme redução de custos relacionados aos transportes (fretes marítimos e viagens aéreas de passageiros) e à comunicação (ligações telefônicas internacionais), ocorrida entre 1930 e 2005:



FONTE: OCDE (2007) – processado por *Our World in Data*.

Percebe-se que os custos de transporte caíram vertiginosamente. Os fretes marítimos, representados pela linha amarela, em 2005, custavam cerca de 1/5 do preço de 1930; as passagens áreas de passageiros, indicadas pela linha vermelha, cerca de 1/10; e, por sua vez, os preços das ligações telefônicas internacionais, linha azul, tiveram a redução mais drástica, passando a ter um custo quase insignificante em relação a 1930.

No ambiente político, o século XX testemunhou, após a Segunda Guerra Mundial, o surgimento de instituições globais destinadas a buscar soluções para os diversos tipos de problemas enfrentados pelo mundo.

É o caso da Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945, com o intuito desenvolver relações amistosas entre as nações, mantendo a paz e a segurança global, e alcançar a cooperação internacional, colocando-se como um centro de harmonização das ações adotadas pelos países, e que atualmente conta com 193 Estados-membros. A instituição substituiu a antiga Liga das Nações, fundada em 1920, após a Primeira Guerra Mundial, e que tinha objetivos semelhantes.

Outros dois exemplos, nascidos no mesmo contexto, porém voltados especificamente para questões econômico-financeiras, são o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), mais conhecido como Banco Mundial.

Ambos foram estabelecidos na Conferência de Bretton Woods, realizada em 1944, sendo que o FMI tinha por objetivo inicial ajudar na reconstrução do Sistema Monetário Internacional (SMI) após a Segunda Guerra Mundial, contribuindo para assegurar a estabilidade econômica e monetária global, enquanto o BIRD visava promover a reconstrução e o desenvolvimento econômico dos países e, assim, reduzir a pobreza.

Como quarto e último exemplo, não se pode deixar de citar a Organização Mundial do Comércio (OMC), instituição criada mais recentemente, em 1995, e que sucedeu o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), que existia desde 1947. A OMC lida com as regras comerciais entre as nações, funcionando como palco para os governos dos Estados-membros negociarem acordos comerciais e resolverem disputas dessa natureza, de modo a, em última análise, promover a abertura do comércio internacional para todos os seus agentes econômicos, produtores e consumidores.

Todos os organismos internacionais acima citados subsistem até os dias atuais, ainda que esteja aberto para debate se mantiveram seus propósitos iniciais ou se assumiram novas feições ao longo do tempo, especialmente o FMI e o Banco Mundial, assunto que será abordado adiante.

Enfatizando a importância de decisões políticas para a globalização ganhasse impulso, Krugman (1995, p. 328, tradução nossa) chegou a afirmar que elas se

sobrepõem até mesmo aos avanços tecnológicos nas áreas de transporte e comunicação, ideia que, para ele, muitas vezes escapa ao senso comum:

Para dar um exemplo relativamente simples: a maioria das discussões na imprensa sobre o crescimento do comércio mundial parecem ver a crescente integração como impulsionada por um imperativo tecnológico – a crença de que as melhorias em transporte e comunicação constituem uma força irresistível dissolvendo fronteiras nacionais. No entanto, os economistas internacionais tendem a ver, embora não todos, o crescimento do comércio como tendo causas essencialmente políticas, enxergando sua grande expansão após a Segunda Guerra Mundial em grande parte como resultado da remoção das medidas protecionistas que restringiram os mercados mundiais desde 1913. Portanto, pelo menos implicitamente, eles também tendem a ver a tendência em direção à crescente integração como potencialmente reversível.<sup>12</sup>

De toda forma, além dos avanços tecnológicos e de iniciativas de natureza política, Stearns (2009) cita a **difusão da língua inglesa**, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, como um elemento facilitador ao desenvolvimento da globalização.

Em um mundo cada vez mais interligado, a utilização de uma linguagem comum se impunha como uma necessidade, e o idioma inglês era o candidato natural a assumir esse posto, considerando o protagonismo dos EUA no período, sucedendo a Inglaterra, outro país de língua inglesa.

Em suma, pode-se afirmar que a globalização é um fenômeno complexo, que mistura aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Seu desenvolvimento, ao longo da história, foi condicionado ao surgimento de novas tecnologias, especialmente nas áreas do transporte e da comunicação, a direcionamentos políticos e até à difusão de um idioma universal (ou quase isso).

Todavia, o processo de globalização não se deu em um ritmo constante e talvez não seja dotado de uma inevitabilidade, como se tudo fosse apenas uma questão de tempo para acontecer, pois se há períodos de mudanças mais ou menos aceleradas em direção à integração, também parece existir momentos em que os

---

<sup>12</sup> Texto original: *To take a relatively mild example: most journalistic discussion of the growth of world trade seems to view growing integration as driven by a technological imperative-to believe that improvements in transportation and communication technology constitute an irresistible force dissolving national boundaries. International economists, however, tend to view much, though not all, of the growth of trade as having essentially political causes, seeing its great expansion after World War II largely as a result of the removal of the protectionist measures that had constricted world markets since 1913. At least implicitly, therefore, they also tend to see the trend toward growing integration as potentially reversible.*

países buscaram o distanciamento, o que ficará mais claro a partir no decorrer deste trabalho.

## 2.3 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS NORMALMENTE ASSOCIADAS

Quando se diz que a globalização é um fenômeno complexo, parte desta complexidade certamente advém do fato de que as suas consequências, além de variadas, podem tanto ser positivas, como negativas, a depender do ângulo escolhido pelo observador.

Relatando a existências de inúmeros protestos organizados contra a globalização, em diversas partes do mundo, especialmente no período da virada do século XX para o século XXI, Stiglitz (2002, p. 36) fez uma observação que estimula a reflexão:

Os manifestantes veem a globalização de um ponto de vista muito diferente do ponto de vista do secretário de tesouro dos Estados Unidos ou dos ministros da fazenda e do comércio dos países industrializados adiantados. As diferenças de opinião são tão grandes que é preciso se perguntar se os manifestantes e os formuladores de políticas estão falando dos mesmos fenômenos. Eles estão analisando os mesmos dados? As visões daqueles que estão no poder estão enevoadas por interesses particulares e especiais?

A globalização é, essencialmente, uma força contraditória e, em um cenário assim, encará-la a partir de uma leitura maniqueísta, rotulando-a como “boa” ou “má”, parece ser um caminho inglório, na medida em que para todo argumento que explore a sua face positiva, possivelmente haverá um contraponto, igualmente válido, explorando a sua face negativa, e vice-versa.

Então, sem a pretensão de exaurir o assunto, serão apresentados a seguir os principais argumentos levantados quando o debate gira em torno das consequências do fenômeno.

### 2.3.1 Possíveis consequências positivas

Os defensores da globalização costumam enfatizar a sua capacidade de promover **crescimento econômico** para todos os envolvidos.

Nesse sentido, diz-se que a integração das economias nacionais ao ambiente internacional, consubstanciada no aprofundamento das transações e da interdependência entre os países, seria capaz de promover um aumento generalizado da riqueza, costumeiramente medida pelo Produto Interno Bruto (PIB), para todas as nações envolvidas.

A ponte entre globalização e crescimento econômico seria construída a partir da expansão do comércio internacional, que permitiria aos países concentrarem seus esforços na produção de bens e serviços nos quais possuam uma vantagem comparativa. Essa especialização, então, proporcionaria uma maior eficiência nos processos produtivos, gerando aumento de produtividade e, conseqüentemente, crescimento econômico.

Krugman, Obsfeld e Melitz (2015, p. 184) afirmam que “Em um nível, modelos teóricos sugerem que o livre comércio evitará perdas de eficiência associadas à proteção.”

Mas os autores não param por aí e citam a possibilidade, embora reconheçam a dificuldade de quantificar, de o livre comércio gerar ganhos adicionais, envolvendo economias de escala.

Nesse sentido, mercados protegidos inibiriam a concentração de indústrias, essencial às economias externas de escala, que surgem quando o custo por unidade produzida pode ser reduzido em virtude do tamanho do setor, e não da empresa individualmente considerada. Assim, um conjunto de empresas do mesmo setor agrupadas em determinada localidade poderia reduzir os custos de todas elas, ao incentivar a formação de uma rede de fornecedores especializados ao seu redor, atrair mão de obra igualmente especializada para a região e ajudar no transbordamento de conhecimento, facilitando que elas se mantenham próximas à fronteira tecnológica.

Mercados protegidos, além de fragmentar a produção internacionalmente, reduziriam a competição e aumentariam os lucros das empresas nacionais, estimulando a entrada de novos participantes no setor beneficiado e diminuindo a escala de produção de todas as empresas que o integram, tornando-as menos eficientes.

Por fim, eles mencionam que o livre comércio encoraja os empreendedores a buscarem sempre oportunidades para aprender e inovar, a fim de exportar mais e/ou competir com as importações, e que as empresas mais produtivas tendem a se

envolver com exportações, enquanto as menos produtivas costumam se limitar ao mercado nacional, de modo que a ampla abertura ao mercado externo poderia beneficiar a economia como um todo, tornando as empresas mais eficientes.

Para além do crescimento econômico, Krueger (2019, p. 157, tradução nossa) destaca que a globalização permitiu uma rápida **elevação dos padrões de vida das pessoas**: “Os benefícios da globalização foram enormes. O aumento dos volumes de comércio possibilitou a elevação dos padrões de vida de forma mais rápida e em proporções maiores do que seria possível de outra maneira.”<sup>13</sup>

Em outras palavras, a intensificação do comércio global levaria ao crescimento econômico, que impulsionaria o aumento de renda, ampliando a capacidade de consumo e, então, o padrão de vida das pessoas, especialmente os mais pobres.

Assim, o crescimento econômico gestado a partir da globalização ajudaria a **reduzir a pobreza**.

Nesse sentido, referindo-se à sua atuação como assessor na Comissão de Planejamento da Índia, na década de 1960, lembrou o economista Bhagwati (2004, p. 61): “a primeira conclusão que tirei foi a de que na falta de uma maneira de alterar significativamente o pedaço do bolo que cabia aos 30% mais pobres, o mais importante era aumentar o tamanho do bolo.”

Alerta o autor, todavia, que as políticas públicas precisariam ser desenhadas para explorar as melhores possibilidades de crescimento para os países pobres, evitando-se que, paradoxalmente, dele resulte mais pobreza.

Se, por exemplo, um país pobre especializa-se na exportação de um determinado bem a ponto de se tornar um fornecedor de peso no mercado mundial, eventual aumento da oferta pode resultar em diminuição dos preços, prejudicando a renda daquele país exportador, uma vez que o maior volume físico seria inteiramente ofuscado por preços menores, a ponto, inclusive, de aprofundar a miséria do país, que seria uma espécie de vítima do seu próprio sucesso comercial.

A solução, então, estaria na diversificação dos produtos exportados.

Para Bhagwati (2004, p. 63), as políticas públicas deveriam ser projetadas para neutralizar riscos dessa natureza: “políticas apropriadas serão sempre capazes

---

<sup>13</sup> Texto original: *The benefits of globalization have been huge. Increasing volumes of trade enabled rising living standards faster and in greater proportions than would otherwise have been possible.*

de permitir que lucremos com o crescimento e minimizemos, chegando até a impedir, efeitos danosos para os pobres.”

O economista também critica a adoção por um país pobre de uma política de substituição de importações, voltada para a indústria pesada ou que seja intensiva em capital, uma vez que a estratégia não seria capaz de gerar tantos empregos como a indústria leve ou intensiva em mão de obra. Portanto, em tal cenário, seria preferível a política capaz de gerar mais empregos e, assim, resgatar mais pessoas da pobreza.

Além disso, após colocar a economia na trilha do crescimento, é preciso tentar fazer com que os pobres tenham acesso a empregos mais bem remunerados, igualmente estruturando políticas voltadas para esse fim.

Outro aspecto comumente suscitado pelos defensores da globalização é que ela estimularia o **investimento estrangeiro direto (IED)**, que ocorre quando as empresas internacionais investem no mercado nacional com uma perspectiva de longo prazo, o que envolve um grau significativo de influência na gestão do negócio em que os recursos foram alocados, tais como a aquisição de empresas, a construção de fábricas para expansão das suas operações ou mesmo o investimento em empreendimentos de infraestrutura, como um terminal portuário.

Investimentos dessa natureza fortaleceriam o crescimento econômico, na medida em que **gerariam empregos** e propiciariam a **transferência de conhecimento (especialmente tecnologia)** entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, para citar apenas dois benefícios associados.

Mais um benefício da globalização, um pouco mais controverso, consistiria na **redução da exploração de trabalho infantil**.

Segundo Bhagwati (2004), o desenvolvimento do comércio internacional, ao reduzir a pobreza, conduziria mais crianças às escolas, evitando que elas sejam exploradas como mão de obra e, ao mesmo tempo, qualificando-as, o que, no futuro, permitirá um crescimento econômico ainda mais acelerado, em um verdadeiro círculo virtuoso.

Seu argumento central é que a pobreza é responsável por levar crianças ao mercado de trabalho, de modo que o aumento da renda familiar permitiria que elas se dedicassem apenas aos estudos.

Na mesma esteira de virtudes, a globalização também **promoveria o regime democrático**, principalmente porque as mudanças sociais promovidas pela maior integração comercial dariam palco político a uma emergente classe média.

O argumento também é controverso, mas Bhagwati (2004, p. 106), endossando ideia defendida pelo sociólogo e cientista político Seymour Martin Lipset, afirma que “Essa classe média emergente cria, ainda que hesitantemente, uma demanda efetiva de democratização das políticas: a nova burguesia, com suas carteiras mais recheadas, busca ser ouvida politicamente, não apenas na feira.”

A prosperidade econômica produziria, mais uma vez, uma externalidade positiva.

Vê-se, portanto, que o crescimento econômico é não apenas a primeira consequência positiva esperada de um mundo mais integrado, mas também a protagonista, pois dela parecem decorrer boa parte das demais.

Do ponto de vista financeiro, ainda que sujeito a interpretações distintas, a globalização também costuma ser vista como responsável, em princípio, por alguns benefícios, tais como o de **canalizar a poupança** para países onde os retornos são mais elevados, o de **permitir o consumo intertemporal** das nações por meio de empréstimos e financiamentos internacionais, bem como o de **possibilitar a diversificação global do portfólio** (Rodrik, 2018).

Na verdade, muitos outros benefícios potenciais da globalização – alguns cercados de controvérsia, outros nem tanto – são listados por diferentes estudiosos do assunto, mas guardam relação de proximidade com outros conceitos de globalização, como o de universalização e ocidentalização.

É o caso da **maior integração cultural** proporcionada pela globalização, que expõe pessoas de diferentes nacionalidades a objetos e experiências semelhantes, em variadas frentes, tais como a culinária, a música, o cinema, a arquitetura e o artesanato, para citar apenas alguns exemplos.

Dessa integração, todos sairiam beneficiados, a partir da ampliação do horizonte cultural de todas as nações envolvidas no processo. Trata-se da globalização compreendida como universalização.

Outra tese é a de que a globalização favoreceria também o **empoderamento das mulheres**, na medida em que o contato com o mundo ocidental serviria, pela força do exemplo, como uma espécie de convite à luta pela redução da desigualdade

de gênero nos países orientais, também defendida por Bhagwati (2004). Claramente, o autor aproxima o conceito de globalização ao de ocidentalização, em que as estruturas do mundo ocidental – representado pela Europa Ocidental e pela América do Norte – expandem-se para todo o mundo.

A lista poderia seguir indefinidamente, mas dado o escopo econômico do presente trabalho, foi definido que sua atenção recairá sobre os fluxos comerciais e financeiros entre as nações.

A essa altura, já é possível perceber que as consequências positivas da globalização, no contexto dos fluxos comerciais e financeiros, sempre (ou quase sempre) estão associadas ao primeiro, ou seja, ao aumento das transações internacionais de bens e serviços, vista como a principal fonte das virtudes da globalização. Não à toa, Bhagwati (2004, p. 7), ao defendê-la, confere fundamental importância para a distinção:

Especificamente, nas várias ocasiões em que debati com Ralph Nader e outros adversários de um comércio mais livre, antes, durante e depois da reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio em Seattle, em 1999 (que acabou em tumulto por causa de violentos protestos por parte de grupos antiglobalização), os críticos invariavelmente enveredavam pelas crises financeiras que devastaram o Leste Asiático na última metade dos anos 90. Eles defendem que tais crises demonstraram ser ilusório o argumento favorável à maior liberdade de comércio. Mas a abertura ao comércio foi o núcleo do “milagre” do Leste Asiático, enquanto a liberalização apressada e imprudente dos fluxos financeiros foi o núcleo da interrupção brutal desse milagre. É, com certeza, ilógico jogar pela janela o comércio benéfico porque os fluxos financeiros provocaram uma crise.

Nas notas de rodapé, inclusive, o autor critica outro famoso economista, Dani Rodrik, sugerindo que ele talvez tenha contribuído para disseminar a ideia de que os fluxos comerciais e financeiros estão interligados no debate sobre a globalização, eis que começou um artigo (“*The Global Fix*”, publicado em *The New Republic*, em 2 de novembro de 1998), sobre as mudanças propostas no comércio mundial, indicando a crise financeira como a causa das mazelas do mundo que demanda atenção.

### 2.3.2 Possíveis consequências negativas

Se o crescimento econômico é o motor das virtudes da globalização, pode-se dizer que a **desigualdade social** ocupa o centro das discussões sobre seus malefícios.

Reduzir a desigualdade não se confunde com reduzir a pobreza, embora ambos os objetivos possam caminhar lado a lado. A redução da desigualdade passa pelo achatamento das diferenças de renda verificadas na população.

Consoante alerta Stiglitz (2002, p. 31):

A distância cada vez maior entre os que têm e os que não têm vem deixando um número bastante grande de pessoas no Terceiro Mundo num estado lamentável de miséria, sobrevivendo com menos de um dólar por dia. Apesar das repetidas promessas de redução dos índices de pobreza feitas durante a última década do século XX, o número dos que vivem na miséria efetivamente aumentou, e muito. Isso ocorreu ao mesmo tempo que a renda total do mundo elevou-se, em média, 2,5 por cento ao ano.

Ou seja, sem entrar no mérito sobre a utilização do PIB como indicador de riqueza, fato é que o crescimento do “bolo” não garantiria, por si só, uma distribuição mais equânime de suas fatias.

O problema da desigualdade social, inclusive, não ficaria restrito aos países em desenvolvimento. A globalização poderia trazer problemas até para os países desenvolvidos, pela pressão exercida sobre o salário real de sua mão de obra menos qualificada.

A ideia é basicamente a seguinte: ao negociar com países em desenvolvimento, importando bens intensivos em mão de obra de baixa qualificação, os trabalhadores que se dedicam, no âmbito interno, à mesma atividade econômica, tenderão a perder seus empregos ou, pelo menos, experimentar uma considerável redução do seu salário real. Afinal de contas, o mesmo bem agora pode ser produzido por uma fração do valor necessário no âmbito interno, muito em virtude dos baixos salários pagos naqueles países em cuja mão de obra é abundante.

Durante os anos 1990, diversos economistas, com destaque para Krugman (1995), sugeriram que esse efeito negativo do comércio internacional sobre os salários dos trabalhadores menos qualificados em países desenvolvidos seria modesto.

Anos depois, o próprio Krugman (2019) publicou novo artigo, revendo seu posicionamento anterior, para reconhecer que os fluxos comerciais por volta de 1995 estavam apenas iniciando uma trajetória que se revelaria explosiva nos anos seguintes, circunstância que pode ter contribuído para que o impacto negativo da globalização sobre a distribuição de renda dos países desenvolvidos fosse subavaliado à época.

Com o aumento da desigualdade social, **convulsões sociais** ganham corpo. Stiglitz (2002, p. 35) enfatiza que:

As crises, por sua vez, que trouxeram em seu rastro o desemprego em massa, têm sido acompanhadas por problemas de desintegração social de maior prazo – desde a violência urbana na América Latina até os conflitos étnicos em outras regiões do mundo, como na Indonésia.

Na verdade, além da desigualdade social, há quem diga que nem o crescimento econômico é garantido pela globalização, de modo que a **pobreza pode aumentar**, em oposição à linha de argumentação dos defensores da integração.

Nesse sentido, a precoce integração comercial poderia ter efeitos danosos aos países em desenvolvimento, porque muitas empresas desses países ficariam vulneráveis à concorrência externa (recheada de competidores muitas vezes anabolizados por subsídios governamentais, inclusive), sem que antes houvesse um preparo para essa forte competição. O resultado, então, seria desastroso: problemas econômicos, como a **redução do PIB**, ante o fechamento de empresas nacionais, e problemas sociais, como o **desemprego** correlato.

Anotando a existência de ganhadores e perdedores no processo de integração comercial, Lee e Park (2021, não p., tradução nossa) sintetizam da seguinte forma:

A teoria econômica nos diz que, embora o comércio internacional seja uma proposta ganha-ganha que beneficia ambos os países, haverá vencedores e perdedores dentro de cada país. No geral, a economia ganha com o comércio, mas algumas indústrias, empresas e trabalhadores ganham enquanto outros perdem. Por exemplo, os metalúrgicos nos estados americanos do cinturão da ferrugem, como a Pensilvânia, perdem seus empregos quando a indústria siderúrgica americana e as siderúrgicas são dizimadas pelas importações de aço mais barato. Por outro lado, os agricultores americanos no Meio-Oeste colhem grandes ganhos quando a China abre seu enorme mercado para as importações de soja. Novamente, assim como a justificativa pela qual o comércio é benéfico não mudou por séculos, a justificativa pela qual alguns ganham, enquanto outros perdem com o comércio permanece a mesma. Empresas e indústrias que podem superar seus rivais estrangeiros prosperarão. Aqueles que não podem competir sofrerão.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Texto original: *Economic theory tells us that while international trade is a win-win proposition that benefits both countries, there will be winners and losers within each country. Overall the economy gains from trade, but some industries, firms, and workers gain while others lose. For example, steelworkers in rust belt American states like Pennsylvania lose their jobs when American steel industry and steel mills are wiped out by imports of cheaper steel. On the other hand, American farmers in the Midwest reap big gains when China opens up its huge market to soya bean imports. Again, just like the rationale*

Outro problema normalmente associado à globalização é a **instabilidade econômica** que os fluxos de capital de curto prazo podem gerar, especialmente nos países menos desenvolvidos.

Sobre a discussão, relembre-se a já citada ênfase que Bhagwati (2004) confere à necessidade de se distinguirem os fluxos comerciais dos fluxos financeiros (em especial, os de capital de curto de prazo), para não colocar na conta da globalização tal instabilidade.

Seja como for, Stiglitz (2002, p. 34) sublinha os efeitos danosos desses fluxos de capital de curto prazo:

Os bancos ocidentais beneficiaram-se do relaxamento dos controles sobre mercados de capitais na América Latina e na Ásia, mas essas regiões sofreram quando os influxos do dinheiro rápido e especulativo (dinheiro que entra e sai de um país, muitas vezes de um dia para outro; outras, apenas apostas se uma moeda irá valorizar ou depreciar), que havia sido despejado nesses países, repentinamente se reverteram. O escoamento abrupto de dinheiro deixou para trás moedas correntes falidas e sistemas bancários enfraquecidos.

Aprofundando o tema, o economista americano argumenta que as três instituições que controlam a globalização são o FMI, o Banco Mundial e a OMC, sendo que as duas primeiras se envolveram com importantes questões econômicas desde que foram criadas, tais como a transição dos antigos países comunistas para economias de mercado e, também, com algumas crises financeiras.

Consoante já exposto anteriormente, o FMI e o Banco Mundial nasceram no contexto da Segunda Guerra Mundial, em decorrência da Conferência de Bretton Woods, realizada em 1944, e tinham objetivos distintos: ao FMI caberia assegurar a estabilidade econômica e monetária global, enquanto o Banco Mundial deveria preocupar-se com a reconstrução e o desenvolvimento econômico dos países.

O problema é que, segundo defende Stiglitz (2002), ambas as instituições, ao longo do tempo, se transformaram fundamentalmente.

Se o FMI surgiu a partir do reconhecimento da necessidade de uma ação coletiva em nível global para se buscar a estabilidade econômica, dado que os mercados funcionam mal, passou a ser, junto com o Banco Mundial, e especialmente

---

*for why trade is beneficial has not changed for centuries, the rationale for why some win but others lose from trade remains the same. Firms and industries that can outcompete their foreign rivals will thrive. Those which cannot compete will suffer.*

a partir da década de 1980, porta-voz da supremacia do mercado, baseando-se em uma agenda liberalizante, na esteira dos governos de Margareth Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (Estados Unidos).

É a globalização compreendida como liberalização.

Nesse contexto, o Banco Mundial, para realizar empréstimos destinados à realização de projetos estruturais, exigia a aprovação do FMI, que impunha uma série de condicionantes ao país candidato a receber os recursos. Com as constantes crises dos países em desenvolvimento, o FMI fez-se cada vez mais presente na realidade dessas nações, recebendo nova incumbência após a queda do Muro de Berlim, em 1989: administrar a transição dos países comunistas para uma economia de mercado.

Portanto, para receber recursos, os países em desenvolvimento viam-se obrigados a adotar as regras do “Consenso de Washington”, um consenso entre o FMI, o Banco Mundial e o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos sobre quais políticas esses países deveriam adotar, entre as quais se pode deduzir a liberalização dos mercados de capitais, que, conforme argumentado pelos críticos, daria origem a instabilidades econômicas.<sup>15</sup>

Conforme anota Stiglitz (2002, p. 44):

O fluxo de dinheiro volátil para dentro e para fora do país, que muitas vezes ocorre depois da liberalização do mercado de capitais, deixa um rastro de devastação. Os pequenos países em desenvolvimento são como pequenos barcos. Uma liberalização rápida do mercado de capitais, de maneira imposta pelo FMI, equivale a fazer com que eles façam uma viagem em mares revoltos antes que os furos em seus cascos tenham sido consertados, antes que o capitão tenha recebido treinamento, antes que os coletes salva-vidas tenham sido colocados a bordo. Mesmo na melhor das circunstâncias, há

<sup>15</sup> As 10 regras foram originalmente compiladas por Williamson (1989) da seguinte forma:

1. **Disciplina fiscal**, evitando grandes déficits fiscais em relação ao PIB;
2. **Priorização dos gastos públicos**, com o redirecionamento dos gastos para áreas com maior retorno econômico e potencial para melhorar a distribuição de renda, como saúde básica, educação primária e infraestrutura;
3. **Reforma tributária**, com ampliação da base tributária e redução das alíquotas marginais;
4. **Taxas de juros** determinadas pelo mercado, mas mantidas em níveis moderados, para estimular a poupança e evitar a fuga de capitais;
5. **Taxas de câmbio competitivas**, de modo a favorecer as exportações, especialmente as não-tradicionais;
6. **Livre comércio**, por meio da redução de barreiras tarifárias e não-tarifárias ao comércio internacional, com preferência, se necessário for, por tarifas em vez de restrições quantitativas;
7. **Liberalização do investimento estrangeiro direto**, com eliminação de barreiras à sua entrada, promovendo a atração de capital estrangeiro;
8. **Privatização** de empresas estatais;
9. **Desregulamentação**, obtida pela redução do controle do Estado sobre atividades econômicas, eliminando regulamentações que impedem a entrada de novos participantes ou restringem a competição;
10. **Segurança jurídica**, mediante o fortalecimento dos direitos de propriedade.

uma grande probabilidade de esses barcos afundarem quando forem atingidos no costado por uma grande onda.

Afora as dificuldades advindas da liberalização dos fluxos comerciais e financeiros, entre as regras do Consenso, conforme anotado, também estava a adoção de uma política fiscal mais austera, para conter dificuldades orçamentárias, o que sufoca o crescimento, e uma política monetária mais contracionista, com o intuito de controlar o processo inflacionário verificado em diversas economias latino-americanas à época, o que implicava em taxas de juros mais altas e, conseqüentemente, dificuldade de investimentos geradores de empregos.

Parece claro que, com o intuito de sustentar a globalização, promoveu-se um movimento de liberalização, em que são adotadas políticas destinadas a reduzir – em último estágio, eliminar – medidas regulatórias, a exemplo de barreiras artificiais ao fluxo de bens e serviços, de capital financeiro, de conhecimento (notadamente, tecnologia) e até de pessoas.

Para uma inserção completa no mercado internacional, é desejável que, tanto quanto possível, todos os canais dos países sejam abertos, formando vias de mão dupla. Só assim, o processo de globalização poderá enraizar-se e dar frutos, que serão colhidos pelos participantes desse sistema integrado.

E isso geraria diversas conseqüências negativas.

Esse aprofundamento da globalização, que se revela cada vez mais rápido e, sobretudo, mais abrangente, tem sido chamado de hiperglobalização.

Nesse sentido, Rodrik (2011) anota que a economia interna dos países, a partir da década de 1990, passou a ser subordinada ao comércio e às finanças internacionais, e não o contrário, de modo que a integração internacional dos mercados de bens e serviços, além do de capital, tornou-se um fim em si mesma, tornando secundárias as agendas internas dos países.

### 3 DESGLOBAIZAÇÃO

O interesse em torno do tema “desglobalização” tem crescido ao longo dos últimos anos. Evidência nesse sentido foi apontada por Evenett (2022, p. 345, tradução nossa), nos seguintes termos:

Nos quatro anos anteriores à pandemia, o banco de dados Factiva registrou em média 850 menções na mídia ao termo desglobalização. Desde 2020, a desglobalização foi mencionada em média 4.534 vezes por ano – de 1º de janeiro de 2022 a 20 de novembro de 2022, esse termo foi mencionado 7.323 vezes em meios de comunicação em todo o mundo. Algo está acontecendo.<sup>16</sup>

Em simetria ao que foi feito na seção anterior, sobre globalização, a ideia desta seção é apresentar os contornos do fenômeno, a começar pelo seu conceito. Em seguida, será feita uma incursão sobre o contexto histórico em que ele se desenvolve, englobando seu marco inicial e as causas que lhe deram origem. Por fim, serão exploradas as principais consequências, positivas e negativas, normalmente associadas ao processo.

#### 3.1 CONCEITO

A literatura a respeito do assunto costuma apontar que a palavra foi pela primeira vez utilizada por Bello (2004), que, de forma resumida, critica a globalização liderada por instituições como o FMI, o Banco Mundial e a OMC, apontando falhas na governança do sistema econômico global, que colocou os interesses corporativos acima dos sociais, exacerbando desigualdades e precarizando ainda mais os países em desenvolvimento.

O autor, então, utilizou a palavra “desglobalização” para apresentar uma proposta alternativa de governança do sistema global, em que haveria uma desconstrução do sistema dominante, seguida de uma reconstrução sob outras bases, essencialmente pluralista.

---

<sup>16</sup> Texto original: *In the four years before the pandemic, the Factiva database recorded on average 850 media mentions of the term deglobalisation. Since 2020, deglobalisation has been mentioned on average 4,534 times per year – from 1 January 2022 to 20 November 2022, this term has been referred to 7,323 times in media outlets around the world. Something is afoot.*

Ele deixa claro que sua proposta não se trata de um abandono da economia internacional, mas sim de uma reorientação das economias, cuja produção, por exemplo, especialmente do Sul Global, enfatizaria o mercado local, em vez de priorizar as exportações.

Após elencar diversas medidas que julga necessárias para concretizar a mudança proposta, ele afirma que sua ideia é conscientemente subordinar a lógica do mercado (em sua busca por eficiência de custos) aos valores de segurança, equidade e solidariedade social e, então, arremata: “Isso é, para usar a linguagem do grande estudioso social-democrata Karl Polanyi, sobre reincorporar a economia na sociedade, em vez de ter a sociedade impulsionada pela economia”<sup>17</sup> (Bello, 2004, p. 114, tradução nossa).

Todavia, assim como ocorre com “globalização”, a palavra “desglobalização” não é unívoca, podendo traduzir diferentes ideias.

Sobre o assunto, Buhari (2023) anota que a desglobalização pode ser compreendida a partir de, ao menos, três diferentes perspectivas:

- a) como um **processo de reversão da globalização**, caracterizado por uma diminuição dos fluxos de comércio, de investimento e de pessoas (migração) entre os Estados-nação, cujas economias passariam a funcionar de maneira mais independente umas das outras;
- b) como um **projeto emancipatório**, em que a desglobalização é vista como um mecanismo de defesa em face das regras neoliberais impostas pelo mundo ocidental durante o aprofundamento da globalização, com vistas a reconfigurar os termos desta, em uma espécie de “reglobalização”; e
- c) como um **movimento transitório** (onda de desglobalização), que seria natural após períodos de intensificação da globalização, que, ao atingir um pico, tenderia a se retrair, como parte de um ciclo natural.

De antemão, nota-se que a perspectiva adotada por Bello (2004), a quem se atribui pioneirismo na utilização do termo, aproxima-se da segunda descrita por Buhari (2023), ou seja, da desglobalização como um projeto emancipatório.

Ao apresentar o conceito de globalização adotado neste trabalho, o fenômeno foi definido como sinônimo de internacionalização, de modo a refletir um aumento das

---

<sup>17</sup> Texto original: *This is, to use the language of the great social democratic scholar Karl Polanyi, about re-embedding the economy in society, rather than having society driven by the economy.*

transações e da interdependência entre os países, sob as perspectivas comercial e financeira.

Nesse sentido, e de maneira simétrica, a desglobalização será abordada pela primeira perspectiva acima elencada, que a enxerga como um processo de reversão da globalização, ou seja, como uma força oposta à profunda integração comercial e financeira entre as economias mundiais.

Não se quer dizer, com isso, que ela será tratada como uma força que inevitavelmente culminará na reversão completa da globalização. Não é isso, até porque a análise empreendida neste trabalho tem um caráter predominantemente descritivo, sem a ambição de tentar ser preditivo.

Retoma-se, na verdade, a ideia já antecipada na introdução, no sentido de que o nível de relacionamento entre as nações não é estático, mas variável ao longo do tempo, podendo fluir entre dois extremos. Ao caminhar no sentido da integração, tem-se o fenômeno da globalização; se o movimento ocorre para o lado do isolacionismo, surge o fenômeno oposto, da desglobalização.

Diferencia-se da terceira perspectiva, que relaciona a desglobalização a um movimento transitório, porque ela não será necessariamente encarada como um breve desvio em uma tendência globalizante.

Essa pode até ser uma hipótese válida após a análise dos dados, mas, para fins teóricos, não se descartará, *a priori*, a possibilidade de o fenômeno ter um caráter persistente.

Por fim, duas ressalvas são oportunas:

Em primeiro lugar, talvez já tenha ficado claro, mas não custa reiterar que embora se reconheça que tanto a globalização quanto seu processo reverso abrangem dimensões mais amplas, como é o caso, por exemplo, do processo de migração transfronteiriça, o recorte epistemológico adotado neste trabalho concentra-se nas perspectivas comercial e financeira, possibilitando uma análise mais aprofundada do objeto de estudo.

Em segundo lugar, a análise proposta aborda o processo de desglobalização no nível agregado do comércio e das finanças, sem eliminar a hipótese de que sua manifestação possa variar significativamente entre diferentes setores, justamente por se tratar de um fenômeno complexo e multifacetado.

## 3.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Da mesma forma que a compreensão da globalização exigiu uma análise histórica de sua evolução, o fenômeno da desglobalização demanda igual tratamento. Assim como seu antecessor, ele emerge e se intensifica no seio das relações socioeconômicas, naturalmente dinâmicas.

As subseções seguintes buscarão, portanto, delinear os momentos cruciais do processo de desglobalização, como o seu surgimento e as causas que lhe ensejaram, estabelecendo-se uma narrativa que evidencie as interconexões existentes entre os diversos acontecimentos históricos.

### 3.2.1 Marco inicial

As dificuldades enfrentadas para apontar o início da globalização repetem-se quando se tenta fazer o mesmo com a desglobalização.

Posicioná-la na linha do tempo não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, Buhari (2023, p. 81, tradução nossa) afirma: “As tentativas de periodização histórica da desglobalização permanecem falhas devido à natureza multifacetada e complexa da globalização”<sup>18</sup>

Não obstante as dificuldades, Van Bergeijk (2019) abraçou o desafio e, após sustentar que a desglobalização não representa um fenômeno inédito na história, identificou sete fases de sua ocorrência durante o século XX:

**TABELA 1 – FASES DE DESGLOBALIZAÇÃO**

| <b>Período</b>    | <b>Evento marcante</b>                      |
|-------------------|---------------------------------------------|
| 1905 – 1907       | Pânico financeiro de 1907                   |
| 1911 – 1925       | Primeira Guerra Mundial                     |
| 1928 – 1938       | Crise de 1929                               |
| 1974 – 1975       | Primeira crise do petróleo                  |
| 1979 – 1986       | Segunda crise do petróleo e recessão global |
| 2000 – 2001       | Bolha da internet                           |
| 2008 – atualmente | Crise financeira de 2008                    |

FONTE: Adaptada de Van Bergeijk (2019).

<sup>18</sup> Texto original: *Attempts at historical periodization of deglobalization remain flawed due to the multifaceted and complex nature of globalization.*

Para o autor, todavia, dois desses períodos se sobressaem, por representarem fases prolongadas de desglobalização, que não teriam sido acompanhadas de uma imediata recuperação para os níveis pré-crise. São eles: a **Grande Depressão**, inaugurada pela Crise de 1929, e a **Grande Recessão**, originada pela Crise financeira de 2008.

Assim, a época da Grande Depressão marcaria o que o autor denomina de **Desglobalização 1.0**, enquanto a Grande Recessão seria responsável pela chamada **Desglobalização 2.0**.

Na sequência, o autor aponta semelhanças e diferenças entre os dois contextos.

Quanto às **semelhanças**, enfatiza que os anos que antecederam a Crise de 1929 foram caracterizados por uma enorme onda de otimismo e confiança de um futuro cada vez mais globalizado, com mercados abertos e o capital fluindo livremente entre os países.

As pessoas desfrutavam de novos bens de consumo (carros e rádios, por exemplo), que suplantavam fronteiras com maior velocidade e menores custos, graças às inovações tecnológicas, especialmente nas áreas dos transportes e da comunicação, consoante já enfatizado na seção anterior, sobre globalização.

Além disso, inovações financeiras (crédito ao consumidor, para também citar um exemplo) colaboravam com o cenário. Novas indústrias surgiam e os mercados de capitais estavam carregados com a euforia dos investidores.

No palco internacional, a posição hegemônica até então ocupada pela Inglaterra vinha sendo alcançada pelos Estados Unidos, e países periféricos começavam a ganhar destaque no cenário do comércio global.

Nos anos que antecederam a Crise financeira de 2008, Van Bergeijk (2019) afirma ter prevalecido um contexto semelhante, de modo que as gerações, embora distantes no tempo, compartilhavam uma visão otimista sobre o futuro da economia.

Inovações tecnológicas e financeiras também caracterizaram o período.

No palco internacional, surgiram novos protagonistas, como a China, ameaçando a posição hegemônica dos Estados Unidos, além do que outros países periféricos também ganharam destaque.

No que diz respeito às **diferenças**, o autor enfatiza que o perfil do comércio mudou, uma vez que deixou de ser predominantemente baseado no modelo

neoclássico de vantagens comparativas, no qual os países se especializam em produtos de diferentes setores. Ganhou importância o comércio intraindustrial, no qual os países importam e exportam produtos pertencentes ao mesmo setor. Ademais, no período mais recente, também conquistou relevância o comércio realizado dentro da estrutura de corporações multinacionais (intraempresa), que também responsáveis por gerenciar Cadeias Globais de Valor (CGVs)<sup>19</sup> ao redor do mundo.

Ele também diz que medidas protecionistas tiveram mais impacto no comércio mundial após a eclosão da Crise de 1929, não tendo sido tão significativas após a Crise financeira de 2008.

Por fim, sublinha que na década de 1930 o Reino Unido era um exportador líquido de capital (quando o valor dos investimentos feitos no exterior supera o valor daqueles que entram no país), enquanto os Estados Unidos, nos anos 2000, eram importadores líquidos de capital (situação inversa, ou seja, quando o valor dos investimentos feitos no exterior fica abaixo daqueles que ingressam no país), assumindo a posição de maior devedor do mundo.

Em novo e recente artigo, Van Bergeijk (2024, p. 1, tradução nossa) reforça as fases por ele propostas em 2019 e acrescenta que a pandemia da COVID-19 e o impacto comercial das guerras na Ucrânia e em Gaza fortaleceram ainda mais o fenômeno da desglobalização:

O debate crítico sobre globalização e desglobalização é um daqueles casos em que podemos ver claramente o fluxo e refluxo das ideias nas ciências sociais. As gerações do pós-Segunda Guerra Mundial viveram, em grande parte, na era da globalização. A maré, no entanto, parece ter mudado após a Grande Recessão de 2008, com os lockdowns da pandemia de COVID-19 e o impacto comercial das guerras na Ucrânia e em Gaza fortalecendo essa tendência de retração.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Pra Fleury e Fleury (2020, p. 203), “as CGV podem ser definidas como processos de produção fragmentados e geograficamente dispersos que têm diferentes estágios localizados em países diferentes. As empresas multinacionais têm operações internacionais próprias, através de suas subsidiárias e, simultaneamente, criam CGV a partir de relações de fornecimento com outras empresas em diferentes países.”

<sup>20</sup> Texto original: *The critical debate on globalization and deglobalization is one of those instances where we can clearly see the ebb and flow of ideas in the social sciences. Post–Second World War generations by and large have lived in the era of globalization. The tide, however, seems to have turned following the Great Recession of 2008, with the lockdowns of the COVID-19 pandemic and the trade impact of the wars on Ukraine and Gaza strengthening the downturn.*

De toda forma, tal como ocorre com a globalização, mais importante que estabelecer um marco inicial para o fenômeno é estudar suas causas.

### 3.2.2 Possíveis causas

Na subseção 2.3.2, foram abordadas as possíveis consequências negativas da globalização, cujo aprofundamento excessivo recebe o nome de hiperglobalização.

Talvez seja esse um bom ponto de partida para se debruçar sobre o que impulsiona o movimento dos países em sentido contrário.

Como foi dito, a globalização (ou pelo menos o seu excesso) pode ter contribuído para o aumento da **desigualdade social**, que trouxe consigo **convulsões sociais**. Não obstante o crescimento econômico global, não se duvida que até a **pobreza** tenha aumentado em alguns locais, a partir de problemas econômicos, como a **redução do PIB local** motivado pelo fechamento de empresas nacionais, e problemas sociais, como o **desemprego** correlato. Isso tudo sem falar na **instabilidade econômica**, especialmente em países menos desenvolvidos, associada aos enormes fluxos de capital de curto prazo, que livremente entram e saem pelas suas fronteiras.

Baumann (2022, p. 597) corrobora que “O mundo globalizado não conseguiu eliminar a pobreza, e ao mesmo tempo aumentou o distanciamento entre faixas de renda e entre países.”

Adiante, afirma que “A preocupação com os efeitos indesejáveis da globalização tem suscitado recomendações de políticas que implicariam forte regressão ao processo.” (Baumann, 2002, p. 600).

No mesmo sentido, Lee e Park (2021, não p., tradução nossa), afirmam que “A globalização, simbolizada pela liberalização do comércio e pela abertura dos mercados financeiros, está levando a crescente desigualdade de renda e riqueza a níveis inaceitáveis.”<sup>21</sup>

Adiante, eles concluem que:

O agravamento da desigualdade a níveis inaceitáveis está alterando o cálculo de custo-benefício da globalização para um segmento crescente da

---

<sup>21</sup> Texto original: *Globalization, epitomized by trade liberalization and opening up of financial markets, is driving the widening income and wealth inequality to unacceptable levels.*

população em muitos países, resultando em uma oposição cada vez mais vocal à globalização e evocando apelos cada vez mais altos para jogar fora a **camisa de força dourada**. A desglobalização decorre diretamente do **paradoxo da globalização**. Eles são um e o mesmo (Lee e Park, 2021, não p., grifo e tradução nossos).<sup>22</sup>

Duas observações são pertinentes para uma melhor compreensão sobre as expressões destacadas no trecho: quando os autores falam que o agravamento da desigualdade tem aumentado os apelos para se jogar fora a “camisa de força dourada” ele faz alusão às regras do neoliberalismo, que restringem as escolhas políticas internas dos países que o adotam como modelo ideológico.

Trata-se de uma metáfora popularizada por Friedman (2000, não p., tradução nossa), para quem “A camisa de força dourada é a vestimenta político-econômica definidora desta era da globalização.”<sup>23</sup>

De maneira didática, o autor, conhecido defensor da globalização, utiliza essa alegoria para explicar que, ao adotar o sistema capitalista de livre mercado, os países necessariamente precisam se subordinar a determinadas regras, que seriam necessárias para transmitir certa dose de segurança e previsibilidade aos empresários e investidores, permitindo o crescimento econômico.

Em outras palavras, para ver sua economia crescer, o país precisaria reduzir sua política interna, adotando regras derivadas de uma política liberal preestabelecida. Precisaria vestir uma “camisa de força”, mas que seria “dourada”, na medida em que traria prosperidade.

Após detalhar que essa “camisa de força dourada” começou a ser costurada e popularizada em 1979, pela primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, à qual se juntou o presidente americano, Ronald Reagan, no início da década de 1980, Friedman (2000) elenca quais seriam as regras de ouro do modelo, as quais muito se assemelham às regras do Consenso de Washington, anteriormente já abordadas, o que não surpreende, eis que inseridas dentro da mesma vertente de políticas neoliberais:

---

<sup>22</sup> Texto original: *However, the worsening of inequality to unacceptable levels is altering the cost-benefit calculus of globalization to a growing segment of the population in many countries, resulting in increasingly vocal opposition to globalization and evoking increasingly louder calls to throw off the golden straight-jacket.*

<sup>23</sup> Texto original: *The Golden Straitjacket is the defining political-economic garment of this globalization era.*

TABELA 2 – REGRAS DE OURO DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

| #  | Regras de ouro                                                                                                                                                     |
|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1  | Tornar o setor privado o principal motor do crescimento econômico                                                                                                  |
| 2  | Manter uma baixa taxa de inflação e estabilidade de preços                                                                                                         |
| 3  | Reduzir o tamanho da burocracia estatal                                                                                                                            |
| 4  | Manter orçamento equilibrado ou até superavitário                                                                                                                  |
| 5  | Eliminar e reduzir tarifas sobre bens importados                                                                                                                   |
| 6  | Remover restrições ao investimento estrangeiro                                                                                                                     |
| 7  | Eliminar cotas e monopólios domésticos                                                                                                                             |
| 8  | Aumentar as exportações                                                                                                                                            |
| 9  | Privatizar indústrias e serviços públicos estatais                                                                                                                 |
| 10 | Desregulamentar os mercados de capitais                                                                                                                            |
| 11 | Tornar a moeda conversível                                                                                                                                         |
| 12 | Abrir suas indústrias e mercados de ações e títulos para a propriedade e investimentos estrangeiros diretos                                                        |
| 13 | Desregulamentar a economia para promover concorrência doméstica                                                                                                    |
| 14 | Eliminar ao máximo a corrupção governamental, subsídios e propinas                                                                                                 |
| 15 | Abrir sistemas bancários e de telecomunicações à propriedade privada e concorrência                                                                                |
| 16 | Permitir que seus cidadãos escolham entre uma variedade de opções previdenciárias concorrentes, incluindo fundos de pensão e mútuos administrados por estrangeiros |

FONTE: Adaptada de Friedman (2000).

Portanto, são a essas amarras que Lee e Park (2021) fazem referência quando dizem que a desigualdade alimenta a estratégia de abandonar a “camisa de força dourada” imposta pela globalização.

A outra observação diz respeito à afirmação dos autores no sentido de que a desglobalização decorreria diretamente do “paradoxo da globalização”.

Essa expressão dá nome à famosa obra de Rodrik (2011), em que o professor de *Harvard* lança algumas dúvidas sobre a relação simplista que costuma ser feita pelos ferrenhos defensores da globalização, de que sempre haveria uma correlação positiva entre políticas liberais e crescimento econômico.

Para o autor, vestir a “camisa de força dourada” frequentemente não gerará a esperada redenção econômica.

O que ocorre é que os países enfrentam um trilema político fundamental, segundo o qual não seria possível sustentar, ao mesmo tempo, uma **hiperglobalização**, a sua própria **democracia** e a sua **soberania** como Estado-nação. No máximo, seria possível manter duas dessas três características.

Ao abraçar as regras da hiperglobalização, mantendo a sua soberania como Estado-nação, o país precisaria renunciar a uma considerável fatia de sua liberdade política na adoção de regras próprias para combater seus problemas internos (democracia).

A única forma de manter a hiperglobalização sem perder a democracia seria abrir mão se sua soberania como Estado-nação em favor de uma governança global, hipótese em que a liberdade política permaneceria, mas seria transferida para um nível global, como se uma organização semelhante à União Europeia fosse criada a fim de abarcar os mais diversos países do mundo, cenário que exige uma certa dose de imaginação utópica para ser visualizado.

O terceiro e último arranjo restante consistiria em abrir mão da hiperglobalização, de modo a preservar a democracia e a soberania como Estado-nação. Aqui, o país, mantendo a sua soberania, poderia estipular regras próprias para lidar com seus problemas internos. A “camisa de força dourada” seria, enfim, abandonada.

Dessa forma, considerando a ausência de uma governança verdadeiramente global, e que diferentes problemas internos aos países têm aflorado ao longo das últimas décadas, o modelo liberal que lastreia a globalização só poderá ser capaz de funcionar de maneira sustentável se permitir aos países que mantenham sua autonomia democrática, de modo a responder às necessidades de seus cidadãos.

Segundo Rodrik (2011, não p., tradução nossa), para ser sustentável, a globalização precisa ser inteligente e, então, aceitar restrições. A partir de então, podem ser discutidas as possibilidades:

A agenda da hiperglobalização, com seu foco na minimização dos custos de transação na economia internacional, se choca com a democracia pela simples razão de que busca não melhorar o funcionamento da democracia, mas acomodar interesses comerciais e financeiros que buscam acesso ao mercado a baixo custo. Exige que compremos uma narrativa em que predomine as necessidades de empresas multinacionais, grandes bancos e casas de investimento sobre outros objetivos sociais e econômicos. Sua agenda, portanto, responde primariamente a essas necessidades. Temos uma escolha sobre como superar esse defeito. Podemos globalizar a governança democrática junto com os mercados; ou podemos repensar os acordos comerciais e de investimento para expandir o espaço para a tomada de decisões democráticas em nível nacional.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Texto original: *The hyperglobalization agenda, with its focus on minimizing transaction costs in the international economy, clashes with democracy for the simple reason that it seeks not to improve the*

Feitos esses esclarecimentos, fica mais fácil compreender o motivo pelo qual Lee e Park (2021) afirmaram que a desglobalização decorre diretamente do paradoxo da globalização.

A busca desmedida pela integração econômica (comercial e financeira) gera uma hiperglobalização que, paradoxalmente, lhe enfraquece, na medida em que acentua os problemas internos de cada país, pavimentando o caminho da desglobalização.

Por sua vez, como motores da desglobalização, Bello (2004) acrescenta a própria **insustentabilidade e fragilidade** do modelo globalizado de produção, citando como exemplo o fato de que se tornou habitual, para diversas nações ocidentais industrializadas e importadoras de alimentos, que a comida das pessoas viaje milhares de quilômetros até chegar aos seus pratos, contribuindo para crises ambientais e sociais, tornando imprescindível, em nome da sustentabilidade ambiental, encurtar a distância entre produtores e consumidores.

Na esteira da fragilidade do modelo globalizado de produção, Lynn (2002) relembrou o terremoto de Chi-Chi, ocorrido em 21 de setembro de 1999, no Taiwan, que atingiu 7,6 pontos na Escala de Richter e devastou aquela ilha. Além das cerca de 2.500 vítimas fatais, o terremoto fez com que os preços das ações da Dell, Apple e Hewlett-Packard despencassem, à medida que os investidores se deram conta do quanto essas empresas dependem de fábricas baseadas em Taiwan.

Para ele, tivesse o terremoto sido um pouco mais forte ou centralizado alguns quilômetros mais próximo do parque industrial de Hsinchu, grande parte da economia mundial poderia ter ficado paralisada por meses.

Cerca de duas décadas depois, os riscos anunciados por Lynn (2002), de certa forma, permanecem.

É claro que, de lá para cá, a ilha de Taiwan tornou-se mais resiliente a terremotos, fruto do aprendizado coletivo deixado pela tragédia de 1999. Prova disso é que recentemente, no dia 03 de abril de 2024, ocorreu um terremoto de magnitude semelhante (atingiu 7,4 pontos na Escala de Richter) e, não obstante, deixou um

---

*functioning of democracy but to accommodate commercial and financial interests seeking market access at low cost. It requires us to buy into a narrative that gives predominance to the needs of multinational enterprises, big banks, and investment houses over other social and economic objectives. Hence this agenda serves primarily those needs. We have a choice in how we overcome this defect. We can globalize democratic governance along with markets; or we can rethink trade and investment agreements to expand space for democratic decision making at the national level.*

número substancialmente menor de vítimas fatais, cerca de 12 (Chang, Gan e Watson, 2024).

Segundo Aldrich (2024), quando o terremoto ocorreu em 1999, Taiwan estava muito despreparada, citando a corrupção na indústria da construção civil e a falta de regulamentação específica do setor, além da coordenação inadequada nos esforços de resgate. Então, ao longo do tempo, uma série de medidas foram adotadas, de modo que o dia 21 de setembro, data do terremoto de 1999, é agora destinado a exercícios de simulação de desastres na ilha, inclusive com mensagens de alerta simuladas, enviadas para os aparelhos celulares da população.

Apesar disso, não se pode ignorar que Taiwan segue crucial para o bom funcionamento da economia global, uma vez que é a principal área produtora de semicondutores, componentes fundamentais para a expansão tecnológica mundial.

Nesse sentido, Pereira (2024, p. 130) aponta que:

A preponderância de Taiwan deve-se sobretudo a uma empresa, TSMC (*Taiwan Semiconductor Manufacturing Company Limited*), que se dedicou exclusivamente à etapa do fabrico, mais concretamente da fundição pura (*foundry*). Tem por único objetivo a fabricação de produtos para clientes finais e nunca desenvolve produtos em nome próprio, ficando assim de fora de uma possível competição direta com os seus clientes.

Sobre a TSMC, Campbell (2021) indica tratar-se do maior fabricante de chips semicondutores do mundo, os quais alimentam telefones, laptops, carros, relógios, refrigeradores e muito mais. Seus clientes incluem Apple, Intel, Qualcomm, AMD e Nvidia.

Toda essa digressão tem por finalidade sublinhar um aspecto: se Lynn (2002) talvez tenha superestimado os riscos de um terremoto em Taiwan para a economia global, ele parece ter acertado na ideia que sustentou seu raciocínio, ou seja, que boa parte da economia global é consideravelmente dependente de uma pequena ilha situada no Oceano Pacífico.

A pandemia da COVID-19 expôs de maneira clara o cenário de vulnerabilidade, quando uma explosão na demanda proveniente de certas indústrias (smartphones e computadores, por exemplo), que buscavam atender especialmente as necessidades do trabalho remoto, provocaram escassez na oferta, potencializada ainda pelo fechamento de algumas fábricas diante de restrições sanitárias da época. Com isso, diversas montadoras de automóveis espalhadas pelo mundo foram

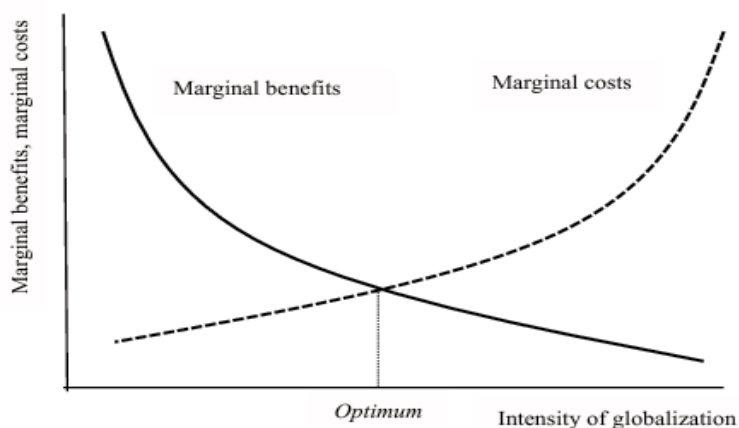
colateralmente atingidas, na medida em que os prazos de entrega dos chips alongaram-se consideravelmente, desregulando a oferta de veículos. Estima-se que a indústria automobilística perdeu mais de USD 200 bilhões em 2021 (Ochonogor et al., 2023).

Assim, parece claro que as Cadeias Globais de Valor (CGVs), um dos frutos da globalização, embora permitam às multinacionais uma maior eficiência de custos, flexibilidade da produção em escala e foco nas atividades de maior agregação de valor, também injetam uma certa fragilidade à economia mundial, altamente interligada. Nesse sentido, Fleury e Fleury (2020, p. 214) apontam que: “A noção de que o elo frágil da cadeia poderia interromper temporária ou permanentemente o funcionamento de toda a rede ganhou proeminência.”

Analisando o processo causal da desglobalização sob a perspectiva da teoria econômica, Van Bergeijk (2019), sustenta que a globalização já carrega a semente da sua própria destruição. Ele parte da ideia microeconômica de que há um ponto ótimo, da perspectiva do produtor ou do consumidor, que se dá quando os **custos marginais** se igualam aos **benefícios marginais**.

Dessa forma, haveria um ponto ótimo quando os custos marginais de um mundo mais globalizado fossem iguais aos benefícios marginais trazidos por essa integração. A partir desse ponto, dada a prevalência dos custos marginais, o mundo seria incentivado a caminhar alguns passos para trás no processo, dando origem ao que se chama de desglobalização. Para uma visualização gráfica do raciocínio do autor, segue a Figura 2, por ele elaborada:

**FIGURA 2 – CURVAS DE CUSTOS E BENEFÍCIOS MARGINAIS DA GLOBALIZAÇÃO**



FONTE: Van Bergeijk (2019)

Partindo dessa ideia, o autor defende a existências dois mecanismos que operam em escalas distintas:

- a) **no nível de cada país:** na fase inicial da globalização, cada “unidade” adicional de integração gera muitos benefícios em termos de ganhos de eficiência das empresas, que produzem a custos menores, e bem-estar dos consumidores, que desfrutam de produtos mais variados e de maior qualidade. Todavia, esses benefícios marginais são decrescentes, uma vez que diminuem as oportunidades decorrentes da especialização internacional. Por outro lado, os custos marginais aumentam. Torna-se cada vez mais custoso aos vencedores da globalização compensar os perdedores pela maior abertura. No ponto em que os benefícios marginais se igualam aos custos marginais, a contribuição da globalização está em seu máximo;
- b) **na arena internacional:** na fase inicial da globalização, o país hegemônico, papel que foi ocupado por diferentes países ao longo da história<sup>25</sup>, beneficia-se do crescimento econômico global. Em determinado momento, todavia, com o fortalecimento mais acentuado de outras nações, os custos de ser hegemônico superam os benefícios, inclusive sob a perspectiva política, considerando que os governantes, visando se manter no poder, tendem a se preocupar mais com os custos suportados durante o seu mandato do que com eventuais benefícios futuros, quando eles provavelmente não estarão no poder.

É fácil perceber que, assim como o processo de globalização, o movimento de desglobalização também é cercado de complexidades que dificultam a obtenção de respostas perfeitas e acabadas sobre o tema, como – aliás – costuma ocorrer no estudo de fenômenos socioeconômicos.

### 3.3 PRINCIPAIS CONSEQUÊNCIAS NORMALMENTE ASSOCIADAS

Uma menor integração comercial e financeira, em tese, seria capaz de frear as possíveis consequências negativas decorrentes do avanço da globalização, mas,

---

<sup>25</sup> A partir da Revolução Industrial, a Inglaterra consolidou essa posição, sendo destronada, durante o Século XX, pelos Estados Unidos, que hoje vê sua liderança ameaçada principalmente pela China.

por outro lado, os benefícios esperados de um mundo mais globalizado também não seriam colhidos.

Todavia, em virtude da complexidade do tema, e da intrínseca da força contraditória que envolve ambos os processos, sempre novos elementos são adicionados à discussão.

Assim, sem a pretensão de exaurir o assunto, nas próximas subseções, serão apresentadas possíveis consequências, positivas e negativas, da desglobalização.

### 3.3.1 Possíveis consequências positivas

Tratando a globalização sob a perspectiva de liberalização, conceito que, conforme já explicitado neste trabalho, está intimamente ligado ao aumento das transações e da interdependência entre os países (globalização-internacionalização), Foroohar (2022a, não p., tradução nossa) assinala o seguinte:

O ponto principal é que a globalização como a conhecemos no último meio século acabou. Mas uma certa quantidade de desglobalização não é um recuo ou um fracasso. Na verdade, é necessário e bem-vindo, por razões econômicas, sociais, políticas e ambientais. Precisamos entender que a globalização é algo que nós mesmos moldamos, não algo que deve nos moldar de fato. Precisamos entender que está tudo bem para diferentes países e comunidades tenham maneiras diferentes de fazer as coisas - maneiras adequadas às suas próprias necessidades locais. A China deve ser capaz de tomar decisões em benefício de sua própria população. O mesmo deve acontecer com a Europa, os Estados Unidos e o resto do mundo. A economia mundial deve atender às necessidades das pessoas que vivem dentro dos Estados-nação – e não o contrário.<sup>26</sup>

Em outras palavras, a autora adota como pressuposto de que olhar para o local, em contraposição ao global, é necessário e proporcionará benefícios. Cada país deve ter a liberdade político-democrática de abordar suas pautas internas da forma que melhor se ajustar às suas necessidades, e não por um modelo preestabelecido e empacotado sob o rótulo de neoliberalismo.

---

<sup>26</sup> Texto original: *The bottom line is that globalization as we've known it for the last half century is over. But a certain amount of deglobalization is not a retreat or a failure. In fact, it's both necessary and welcome, for economic, social, political, and environmental reasons. We need to understand that globalization is something we shape ourselves, not something that must de facto shape us. We need to understand that it's okay for different countries and communities to have different ways of doing things—ways suited to their own local needs. China should be able to make decisions for the benefit of its own population. So should Europe, the United States, and the rest of the world. The world economy must serve the needs of the people who live within nation-states—not the other way around.*

Ela sustenta que a doutrina neoliberal não envolve apenas a defesa do livre-mercado, pela sua desregulamentação. Vai além disso, ao exigir também uma restrição à democracia. Nesse ponto, é possível traçar um paralelo com o já mencionado trilema político fundamental, proposto por Rodrik (2011). Fixando-se a soberania dos Estados-nação, realidade que objetivamente predomina entre os países, restaria a escolha entre hiperglobalização e democracia. Nesse sentido, a opção neoliberal é óbvia em favor do primeiro.

Igualmente, Slobodian (2018, p. 17, tradução nossa) aborda a história do século XX enfatizando que os neoliberais não enxergaram o capitalismo e a democracia se reforçando; ao contrário, viram a democracia como um problema:

A democracia significou ondas sucessivas de massas exigentes clamando, sempre ameaçando empurrar a economia de mercado em funcionamento para fora de seus trilhos. Para os neoliberais, a ameaça democrática assumiu muitas formas, desde a classe trabalhadora branca até o mundo descolonizador não europeu.<sup>27</sup>

Dessa forma, o processo de desglobalização teria como consequência positiva devolver aos países a **liberdade político-democrática** perdida durante a tendência globalizante das últimas décadas. E isso seria salutar, pois, consoante defende Rodrik (2019, não p., tradução nossa):

Em última análise, um regime de comércio mundial saudável e sustentável seria um de "coexistência econômica pacífica", no qual diferentes sistemas econômicos prosperam lado a lado, em vez de serem pressionados a se conformar a um único modelo favorecido por corporações internacionais.<sup>28</sup>

Ademais, ao fixar o olhar no âmbito local, a eficiência do modelo neoliberal cederia espaço para a **resiliência**.

Segundo Foroohar (2022a, não p., tradução nossa), a vulnerabilidade proporcionada pelas CGV ficou exposta especialmente durante a pandemia da Covid-19, momento “em que os países ocidentais decidiram que não queriam continuar a

---

<sup>27</sup> Texto original: *Democracy meant successive waves of clamoring demanding masses, always threatening to push the functioning market economy off its tracks. For neoliberals, the democratic threat took many forms, from the white working class to the non-European decolonizing world.*

<sup>28</sup> Texto original: *Ultimately, a healthy and sustainable world trade regime would be one of “peaceful economic coexistence,” in which different economic systems prosper side by side rather than being pressured to conform to a single mold favored by international corporations.*

dependem da China, ou mesmo da Índia, para produzir a maior parte dos insumos cruciais para, digamos, os ingredientes farmacêuticos do mundo.”<sup>29</sup>

A resiliência advinda de um novo modelo desglobalizado implicará, portanto, numa redução dessas fraquezas sistêmicas, na medida em que, ao priorizar o local, as cadeias de suprimentos serão internalizadas, diminuindo os riscos de choques no comércio global, que se tornaram cada vez mais frequentes, por conta de políticas turbulentas ao redor do mundo, mudanças climáticas, pandemias, ataques cibernéticos e crises financeiras, para citar alguns exemplos.

Baseando-se em pesquisa feita pela empresa de consultoria McKinsey, a autora explica que “mais de 50% dos líderes globais da cadeia de suprimentos implementaram o fornecimento duplo de matérias-primas desde a pandemia, a fim de criar mais redundância e maior proximidade com os centros de fabricação.”<sup>30</sup> (Foroohar, 2022a, não p. tradução nossa).

Em suma, a integração vertical do processo produtivo voltou à pauta, sendo uma das fortes características da desglobalização, reduzindo a vulnerabilidade do modelo produtivo globalizado.

Outro possível benefício surgiria a partir de uma **relação capital-trabalho mais saudável**. Sobre o assunto, enfatiza a autora:

Uma das partes mais perniciosas da globalização no último meio século tem sido a capacidade do capital global de voar muito acima dos trabalhadores e cidadãos. Haverá mais limites para o que as instituições financeiras nas democracias liberais podem fazer para financiar governos autocráticos ou degradar o bem-estar econômico dos cidadãos em seus países de origem - como deve ser. Também haverá um repensar das regras comerciais, direitos trabalhistas e como calcular os custos e os benefícios do crescimento econômico nos dados que os formuladores de políticas usam para moldar nosso mundo. Os negócios não serão apenas sobre acionistas, mas também sobre partes interessadas. O futuro não será sobre um número relativamente pequeno de pessoas muito afortunadas vivendo em um punhado de lugares, mas sobre reconectar os frutos do crescimento às comunidades em todos os lugares.<sup>31</sup> (Foroohar, 2022, não p. tradução nossa).

---

<sup>29</sup> Texto original: *The pandemic was the point at which Western countries decided they didn't want to continue to rely on China, or even India, to produce the bulk of crucial inputs to, say, the world's pharmaceutical ingredients.*

<sup>30</sup> Texto original: *over 50 percent of global supply chain leaders have implemented dual sourcing of raw materials since the pandemic in order to create more redundancy and closer proximity to manufacturing centers.*

<sup>31</sup> Texto original: *One of the most pernicious parts of globalization in the last half century has been the ability of global capital to fly far above workers and citizens. There will be more limits to what financial*

Assim, a desglobalização teria o potencial de alinhar o crescimento econômico com o bem-estar social, voltando suas atenções para as comunidades locais, de modo que aquele não se resuma aos interesses dos acionistas das empresas, mas de todas as partes interessadas.

Cavanagh (et al., 2009) enfatiza que essa reorientação das estruturas econômicas em direção ao local, e não ao global, é fundamental, uma vez que boa parte das pessoas, mesmo nos países desenvolvidos, ainda sobrevive por meio de atividades locais, de pequena escala, baseadas na sua própria comunidade. Para ele, então, deve ser adotado o princípio da subsidiariedade, prestigiando, sempre nessa ordem, o local, o regional e o nacional, todos a frente do global, que deve ficar restrito, tanto quanto possível, a situações em que uma ação coletiva se revele indispensável, como a causa ambiental, sobre a qual se falará adiante.

Nesse sentido, a desglobalização também atuaria como um elemento potencialmente **redutor da desigualdade social**, ao devolver **empregos** à economia local, inclusive com o respaldo de políticas industriais.

Sobre o assunto, Foroohar (2022c) anota que a manufatura representa uma proporção pequena e decrescente de empregos na maioria dos países ricos e, também, em muitos países pobres, existindo muitos economistas que advogam a ideia de que, com o crescimento, os países devem abandonar o setor industrial em favor do de serviços.

Ocorre que, ainda segundo a autora, os setores são mais interligados que os dados sobre empregos sugerem e que centros industriais são mais propícios para a geração de empresas intensivas em conhecimento de todos os tipos, as quais são motores para ampliar o crescimento econômico.

Logo, estimular a indústria de alto crescimento (e treinar a força de trabalho para apoiá-la), por meio de políticas adequadas (ela critica políticas simplistas, como a de subsídios esbanjadores ou a de substituição de importações) tem se tornado uma tendência entre os países desenvolvidos, especialmente em setores estratégicos,

---

*institutions in liberal democracies can do to fund autocratic governments or degrade the economic well-being of citizens in their home countries—as there should be. There will also be a rethink of trade rules, labor rights, and how to figure both the costs and the benefits of economic growth into the data that policy makers use to shape our world. Business won't be just about shareholders, but also about stakeholders. The future won't be about a relatively small number of very fortunate people living in a handful of places, but about reconnecting the fruits of growth to communities everywhere.*

como o de semicondutores (cadeia de suprimentos) ou mesmo o de carros elétricos (indústria vista como promissora).

Na esteira da desglobalização, também passariam **benefícios ambientais**, que seriam colhidos a partir de um enfoque produtivo mais local.

Algumas páginas atrás, a insustentabilidade ambiental do modelo globalizado de produção e consumo foi apontada por Bello (2004) como uma das causas para a desglobalização. Na ocasião, foram citados, apenas como exemplo, os incontáveis deslocamentos que alimentos fazem até chegar ao prato de comida das pessoas em diversos países.

Aprofundando a discussão, tem-se que uma consequência positiva advinda de uma retração do modelo dominante consistiria em minimizar os danos ambientais, que são intrínsecos à lógica globalizada, cuja produção é, tanto quanto possível, orientada à exportação, o que aumenta a atividade de transportes por todo o planeta, potencializando o uso de combustíveis fósseis, refrigeração, embalagens e diversas infraestruturas muito caras e ecologicamente prejudiciais, como barragens, portos, estradas, aeroportos, canais, oleodutos, e assim por diante (Cavanagh et al., 2009).

Conforme apontado por Strong (2001, p. 26, tradução nossa):

O 'meio ambiente' não é apenas uma questão, algo a ser resolvido enquanto todo o resto permanece igual. A destruição ecológica é um sinal do desequilíbrio na forma como nossa civilização industrial estabelece suas prioridades e se governa. O fenômeno que agora comumente chamamos de 'Globalização' está criando novas riquezas em uma escala sem precedentes, enquanto aumenta a dicotomia entre os vencedores e os perdedores do capitalismo industrial.<sup>32</sup>

Portanto, uma orientação desglobalizada, voltada para dentro das economias nacionais, teria o potencial de reduzir impactos negativos ao meio ambiente.

### 3.3.2 Possíveis consequências negativas

Consectário lógico de uma sociedade menos globalizada é deixar de colher os frutos que, alegadamente, uma profunda integração comercial e financeira oferece.

---

<sup>32</sup> Texto original: *The 'environment' isn't just an issue, something to be fixed while everything else remains the same. Ecological destruction is a sign of the imbalance in the way our industrial civilization sets its priorities and governs itself. The phenomena we now commonly refer to as 'Globalization' is creating new wealth at an unprecedented scale while increasing the dichotomy between industrial capitalism's victors and victims.*

Se o modelo neoliberal que sustenta a globalização é voltado para a eficiência, que – por definição – evolve minimizar custos, a primeira consequência negativa de um mundo mais desglobalizado é intuitiva: **inflação**.

Desenvolvendo a ideia do predomínio da resiliência sobre a eficiência, o problema da inflação não passou ao largo da visão de Foroohar (2022b, não p., tradução nossa), que assim anotou:

Criar mais oportunidades localmente, mantendo-se conectado à economia global, exigirá a construção de modelos mais resilientes — isso envolve melhor educação, infraestrutura, salários locais mais altos e menos foco no resultado financeiro de curto prazo. A eficiência era barata. A resiliência custará mais caro. Quem pagará por isso ainda está em aberto.<sup>33</sup>

Outro problema decorrente de uma menor integração econômica entre os países é a aceleração de uma fragmentação do sistema financeiro internacional, tornando os **mercados cada vez mais sensíveis à geopolítica**.

Há muito tempo, a moeda-chave do sistema, responsável por reger grande parte dos negócios internacionais, é o dólar-americano; existe, todavia, uma recente política de internacionalização da moeda chinesa, o *Renminbi*, que pode deixar sua posição historicamente periférica na hierarquia das moedas para assumir uma posição central, talvez até ameaçando a duradoura hegemonia do dólar-americano (Dornelas, 2022a).

Para Foroohar (2022c, não p., tradução nossa), essa disputa revela-se problemática:

A China e os Estados Unidos competirão cada vez mais no campo das finanças, usando moeda, fluxos de capital e comércio como armas um contra o outro. (...) Os mercados de capitais se tornarão um lugar para defender os valores liberais (por exemplo, por meio de sanções contra a Rússia), buscar novas estratégias de crescimento e criar novas alianças. Tudo isso significa que os mercados serão muito mais sensíveis à geopolítica do que no passado.<sup>34</sup>

---

<sup>33</sup> Texto original: *Creating more opportunity at home, while still remaining connected to the global economy, will require building more resilient models — that involves better education, infrastructure, higher local wages, and less focus on the short-term bottom line. Efficiency was cheap. Resiliency will cost more. Who pays for it is up for grabs.*

<sup>34</sup> Texto original: *China and the United States will increasingly compete in the realm of finance, using currency, capital flows, and trade as weapons against each other. (...) Capital markets will become a place to defend liberal values (for example, through sanctions against Russia), pursue new growth strategies, and create new alliances. All this means that markets will be far more sensitive to geopolitics than they have been in the past.*

Extremando o raciocínio e utilizando um certo tom dramático, Zeihan (2022) sustenta que países grandes e ricos em recursos, como os Estados Unidos, poderiam sobreviver como uma autarquia, produzindo e consumindo tudo de maneira interna, mas poucas nações gozariam de semelhante condição, de modo que, para ele, a desglobalização não significaria simplesmente um mundo mais sombrio e pobre, mas algo muito pior, seria o equivalente a uma **involução da civilização humana**.

Apresentados os principais contornos da globalização (seção anterior) e da desglobalização (seção presente), a próxima etapa deste trabalho consistirá em uma análise de dados relacionados à economia internacional (comércio e finanças), com o propósito de extrair conclusões sobre o problema que inspirou esta pesquisa: onde se encontra a economia mundial?

Por fim, antes das considerações finais, serão explorados alguns eventos que podem não ser imediatamente capturados pelos dados, mas que certamente interessam ao debate.

## 4 ANÁLISE DE DADOS E UM POUCO ALÉM DELES

Até esta altura do trabalho, evitou-se, tanto quanto possível, abordar dados relacionados ao nível de globalização da sociedade.

Por uma questão metodológica, nas seções anteriores, optou-se por apresentar os contornos de ambos os fenômenos (globalização e desglobalização), expondo uma visão geral sobre eles a partir da revisão bibliográfica para, só então, nesta quarta seção, mergulhar em alguns dados.

Relembre-se que, ainda na segunda seção, dedicada à globalização, antes de abordar as principais consequências, positivas e negativas, que comumente lhe são associadas pela literatura especializada, foi feita uma ressalva no sentido de que ela é, essencialmente, uma força contraditória, de modo que rotulá-la como “boa” ou “má” conduziria a um caminho inglório. Como é recorrente em fenômenos socioeconômicos, aspectos positivos e negativos costumam conviver simultaneamente. Não por outra razão, qualquer disciplina de introdução às ciências econômicas preocupa-se em apresentar aos estudantes o conceito de *trade-off*.

Partindo dessa premissa, o propósito deste trabalho foi direcionado não a tentar validar ou invalidar as consequências que normalmente são atribuídas à globalização e à desglobalização.

O objetivo deste trabalho é mais modesto: a partir dos dados a seguir apresentados, tentar-se-á responder se o mundo, ao longo dos últimos anos, especialmente a partir da Crise de 2008, tem caminhado em direção a um cenário de maior ou menor integração comercial e financeira.

Nesse contexto, após uma análise dos dados (especialmente, dos índices criados a partir deles), será empreendida uma análise que se propõe ir um pouco além deles, com o intuito de enriquecer o trabalho, relacionando eventos que impactam na globalização (ou pelo menos na percepção social que existe sobre ela).

### 4.1 MEDINDO A GLOBALIZAÇÃO

Foi muito enfatizada, ao longo do texto, a complexidade que envolve a temática. Os processos de globalização e desglobalização são fenômenos dotados de múltiplas faces e, por isso, de difícil mensuração.

Mesmo com o corte epistemológico adotado, que envolveu estudar o assunto apenas sob a perspectiva econômica, enfocando as relações comerciais e financeiras entre os países, agregar todos os dados para deles tentar extrair o nível de aprofundamento da globalização, visualizando-o em uma série temporal, não é tarefa fácil.

Um caminho tradicionalmente escolhido na literatura a respeito do tema consiste em usar a soma monetária das exportações e importações e dividi-la pelo PIB, na tentativa de medir o nível de **abertura comercial** da economia.

Em publicação crítica às variadas interpretações dadas à medida, Fujii (2018, p. 882, tradução nossa) reconhece que “Embora a proporção do comércio total em relação ao PIB seja reconhecidamente uma medida grosseira da abertura comercial, a disponibilidade de dados a torna uma escolha popular para análises empíricas.”<sup>35</sup>

O cálculo pode ser feito tanto para um determinado país, como para o conjunto de países do mundo. Esta segunda opção, que interessa ao presente trabalho, afigura-se como uma *proxy* para a medida da globalização.

O raciocínio é intuitivo: quanto mais o comércio internacional, representado pela soma monetária das exportações e importações, contribuir para a composição do PIB, é razoável concluir que mais globalizada será a economia.

Fica claro que, como toda *proxy*, a medida tem suas limitações. Pode-se mencionar, por exemplo, que ela não leva em consideração, pelo menos de maneira direta, a integração financeira entre os países, componente que também é abrangido pelo conceito de globalização econômica aqui adotado.

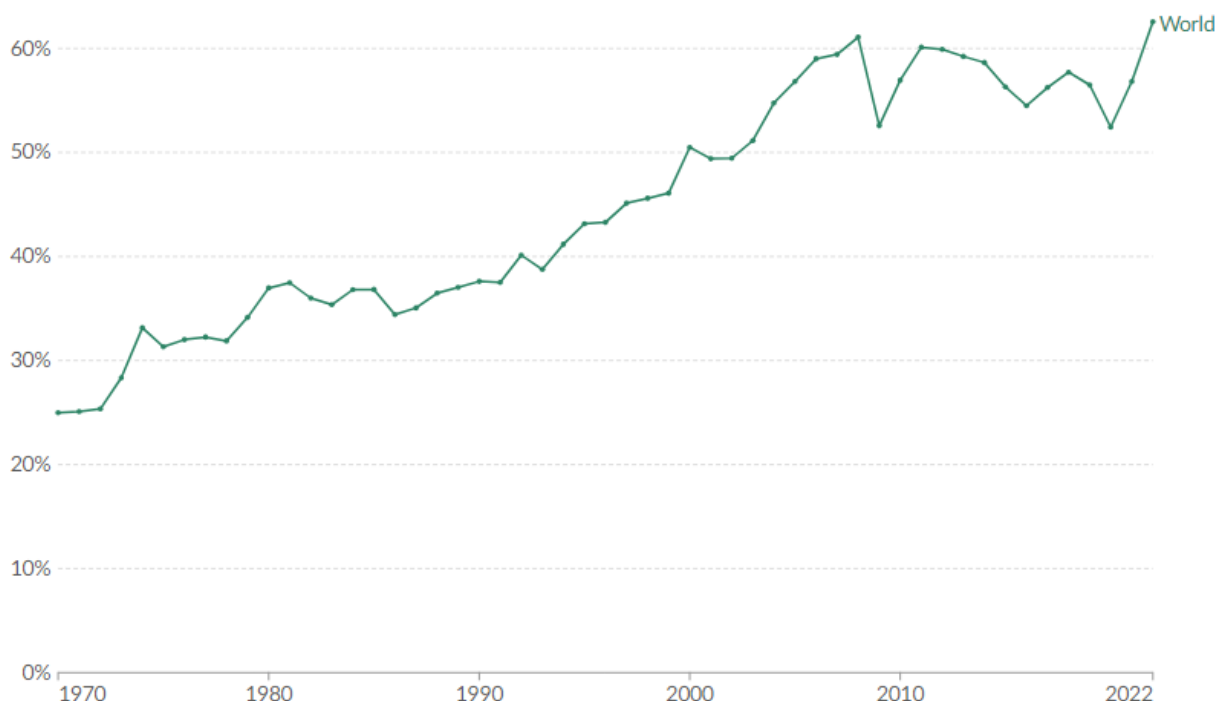
De toda forma, permanece como uma ferramenta valiosa para análise histórica de tendências na área de comércio internacional, devendo, é claro, ser analisada em conjunto com outros fatores, para que conclusões apropriadas sejam alcançadas.

Feita essa introdução a respeito do índice, dados compilados pelo Banco Mundial, para o período compreendido entre 1970 e 2022, formam a seguinte série temporal:

---

<sup>35</sup> Texto original: *Although the ratio of total trade to GDP is admittedly a crude measure of trade openness, data availability makes it a popular choice for empirical analyses.*

**FIGURA 3 – ÍNDICE DE ABERTURA COMERCIAL DO MUNDO (1970-2022)**



FONTE: dados compilados pelo Banco Mundial (2024) – processado por *Our World in Data*.

Interpretando o gráfico exposto na Figura 3, vê-se, de maneira clara, uma tendência de crescimento do comércio internacional na composição do PIB, não obstante alguns movimentos de retração pelo caminho.

Como pontos de inflexão na tendência de alta, dois se sobressaem: a Crise de 2008 e, mais recentemente, a pandemia da Covid-19, iniciada no fim de 2019.

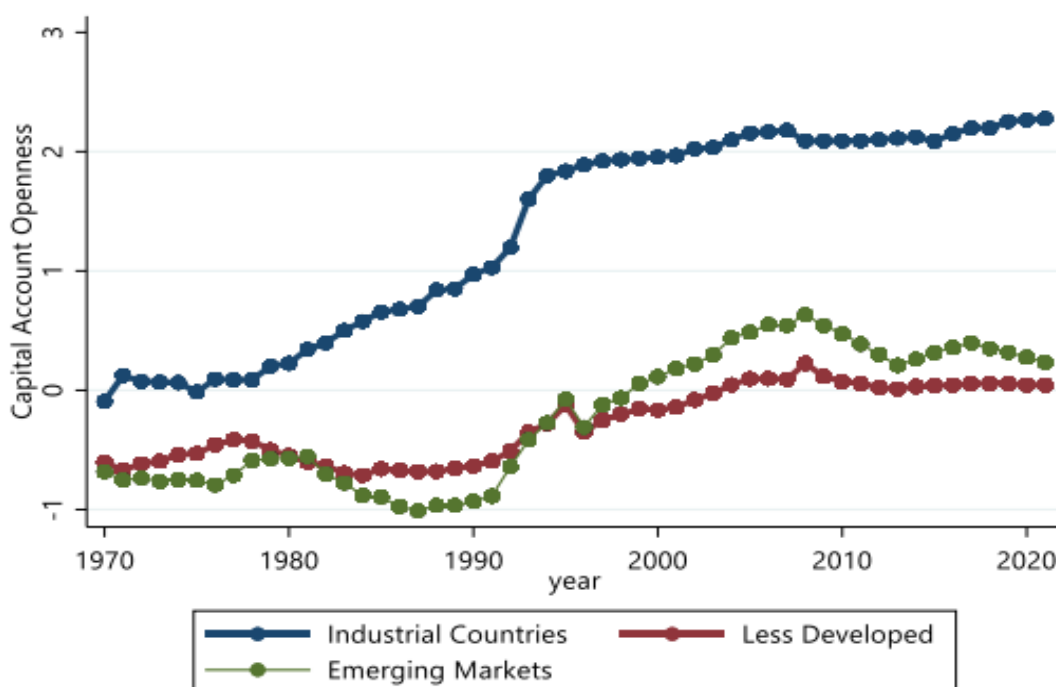
Vê-se, entretanto, que após os movimentos de retração da tendência globalizante, o índice volta a subir, o que sugere que talvez a desglobalização deva ser encarada pela perspectiva de um movimento transitório, como parte de um ciclo natural, que é uma das três possibilidades discutidas por Buhari (2023), já abordadas anteriormente, na subseção 3.1.

Com o intuito de apurar o grau de **abertura financeira dos países**, Chinn e Ito (2006), criaram o índice Chinn-Ito (KAOPEN), cujo objetivo é medir, em extensão e intensidade, as restrições regulatórias aos fluxos de capital impostos pelas nações, com base nas informações colhidas a partir do Relatório Anual do FMI sobre Acordos Cambiais e Restrições Cambiais (AREAER). Consoante explicam seus criadores, é extremamente difícil medir a extensão dos controles da conta de capital, sendo geralmente aceito que as medidas existentes não conseguem capturar totalmente a complexidade do tema no mundo real, por uma série de razões. A pretensão deles,

que consta, inclusive, na última atualização do índice, foi de tentar contornar esses problemas, ao levar em consideração variáveis relativas aos controles regulatórios sobre transações correntes ou de capital, a existência de múltiplas taxas de câmbio e de requisitos de devolução de receitas de exportação (Chinn e Ito, 2023).

Para um período que vai de 1970 a 2021<sup>36</sup> e segmentando os países por níveis de renda, foram obtidos os seguintes resultados (quanto maior for o índice, maior é a abertura financeira):

**FIGURA 4 – ÍNDICE DE ABERTURA FINANCEIRA (KAOPEN) PARA DIFERENTES GRUPOS DE RENDA (1970-2021)**



FONTE: Chinn e Ito (2023)

De acordo com a Figura 4, há mais de meio século, o mundo tem se movido, de maneira consistente, em direção a uma maior abertura financeira, podendo ser observada, a partir da década de 1980, uma forte aceleração do grupo dos países industrializados.<sup>37</sup>

Essa aceleração coincide com a consolidação do pensamento neoliberal, especialmente difundido pela primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher (1979) e

<sup>36</sup> Devido à disponibilidade de dados, a análise vai até o ano de 2021, e não 2022, como na Figura 3.

<sup>37</sup> Composto pelas seguintes nações (em ordem alfabética): Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Malta, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Reino Unido, Suécia e Suíça.

pelo presidente americano, Ronald Reagan (1981). Ou seja, coincide com a popularização das “regras de ouro da globalização”, que compõem o que Friedman (2000) chamou de “camisa de força dourada”, tema já discutido anteriormente neste trabalho, na subseção 3.2.2.

Já o grupo dos países emergentes<sup>38</sup>, que em 1970 estavam lado a lado com as nações menos desenvolvidas<sup>39</sup>, em termos de abertura financeira, têm sua aceleração associada à década de 1990, justamente quando parte deles começa a abraçar com mais firmeza o pensamento neoliberal (consoante visto na subseção 2.3.2, em 1989, para receber recursos, os países em desenvolvimento viram-se obrigados a adotar as regras do “Consenso de Washington”).

Após a Crise de 2008, é possível perceber que todos os três grupos de países enfrentaram uma retração no índice de abertura financeira, sendo a dos países industrializados a mais suave, seguida de uma certa estabilização, com leve crescimento nos anos posteriores. Esse comportamento não foi seguido pelos países emergentes, que tiveram uma retração mais acentuada, acompanhada de um período subsequente de instabilidade, que os aproximou do grupo dos países menos desenvolvidos, os quais se mantiveram estáveis após uma pequena queda.

Ambos os índices (de abertura comercial e de abertura financeira) se reforçam, sinalizando que o processo de globalização, ainda que tenha atravessado (ou esteja atravessando) um período de certa instabilidade, com momentos desglobalizantes, não parece ter entrado em um cenário de reversão persistente.

A partir da junção original de 23 variáveis, Dreher (2005) desenvolveu um índice de globalização, chamado índice de globalização KOF<sup>40</sup>, o qual é vocacionado a cobrir três aspectos: integração econômica, integração social e integração política.

Relatando as dificuldades para medir globalização e investigar sua eventual relação causal com o crescimento econômico, ele explicou que a maioria das

---

<sup>38</sup> Grupo composto pelos seguintes países (em ordem alfabética): África do Sul, Argentina, Bangladesh, Botswana, Brasil, Bulgária, Costa do Marfim, Chile, China, Colômbia, Coreia do Sul, Egito, Equador, Eslováquia, Eslovênia, Filipinas, Gana, Hong Kong, Hungria, Ilhas Maurício, Índia, Indonésia, Israel, Jamaica, Jordânia, Lituânia, Malásia, Marrocos, México, Nigéria, Paquistão, Peru, Polônia, Rússia, Quênia, Singapura, Sri Lanka, Tailândia, Tchêquia, Trinidad e Tobago, Tunísia, Turquia, Venezuela e Zimbábue.

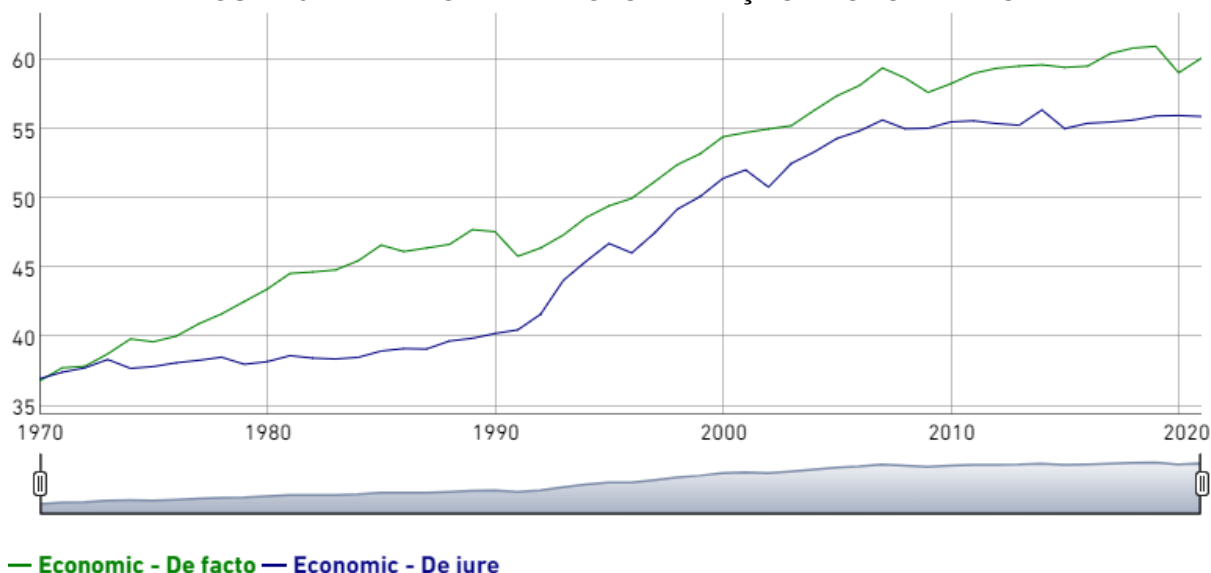
<sup>39</sup> Por exclusão, as demais nações não listadas.

<sup>40</sup> Segundo Potrafke (2015), desde a sua criação, o Índice de Globalização KOF passou a ser o mais utilizado na literatura acadêmica.

dimensões da globalização está fortemente relacionada entre si, de modo que as incluir separadamente em uma regressão levaria a problemas de colinearidade<sup>41</sup>. Por outro lado, o método até então preferido da literatura, consistente em excluir as dimensões que não são o foco principal da análise, poderia enviesar severamente os coeficientes estimados. Ainda, apontou não ser óbvio que todas as dimensões da globalização afetem o desempenho econômico na mesma direção. Em seguida, o autor alertou: “Uma vez que os efeitos globais da globalização são o que importa, a falta de uma medida global e de uma análise da sua relação com o crescimento é uma omissão grave.” (Dreher, 2005, p. 2, tradução nossa).

A sua mais recente atualização foi feita por Gygli *et al.* (2019). Nela, houve uma distinção entre medidas *de facto* (baseadas em fatos) e *de jure* (baseadas nas normas jurídicas) para todas as diferentes dimensões da globalização. Foi promovida também uma separação entre globalização comercial e financeira dentro da dimensão econômica da globalização, sendo utilizada uma ponderação flexível das variáveis ao longo do tempo. Ademais, o número de variáveis que compõem o cálculo do índice foi ampliado de 23 para 43. Eis o índice geral para a **globalização econômica** (quanto maior o índice, maior é a globalização econômica), para o período de 1970 a 2021<sup>42</sup>:

**FIGURA 5 – ÍNDICE GERAL DE GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA KOF**



FONTE: ETH Zurich – KOF Swiss Economic Institute

<sup>41</sup> O problema de colinearidade ocorre quando os regressores, utilizados para investigar a existência de uma relação causal com determinado fenômeno (variável dependente), apresentam uma relação linear entre si (Gujarati e Porter, 2011).

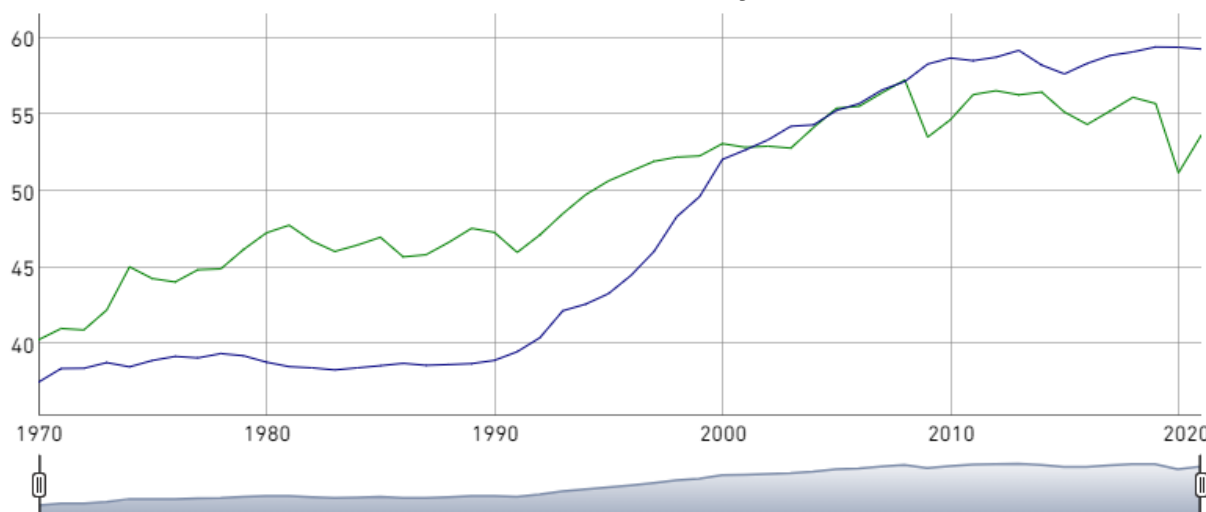
<sup>42</sup> Devido à disponibilidade de dados, a análise vai até o ano de 2021, e não 2022, como na Figura 3.

A Figura 5 mostra a evolução da globalização econômica (que abrange os aspectos comerciais e financeiros), sendo perceptível a tendência integradora ao longo das últimas décadas, em coerência com os índices anteriormente abordados.

A linha verde registra um aumento da integração *de facto* entre os países, enquanto a linha azul indica uma evolução um pouco menor da integração *de jure*. De uma maneira geral, todavia, é possível afirmar que elas caminham razoavelmente juntas.

Quando a **subdimensão comercial** da globalização econômica é desagregada, a tendência geral permanece de crescimento, mas de maneira menos comportada e com uma evolução mais acentuada da integração comercial *de jure* em comparação com a *de facto* a partir de meados dos anos 1990, o que faz com o que o índice, em 2021, seja maior sob a perspectiva *de jure* do que pela ótica *de facto*:

**FIGURA 6: ÍNDICE GERAL DE GLOBALIZAÇÃO COMERCIAL KOF**



— Trade - De facto — Trade - De jure

FONTE: ETH Zurich – KOF Swiss Economic Institute

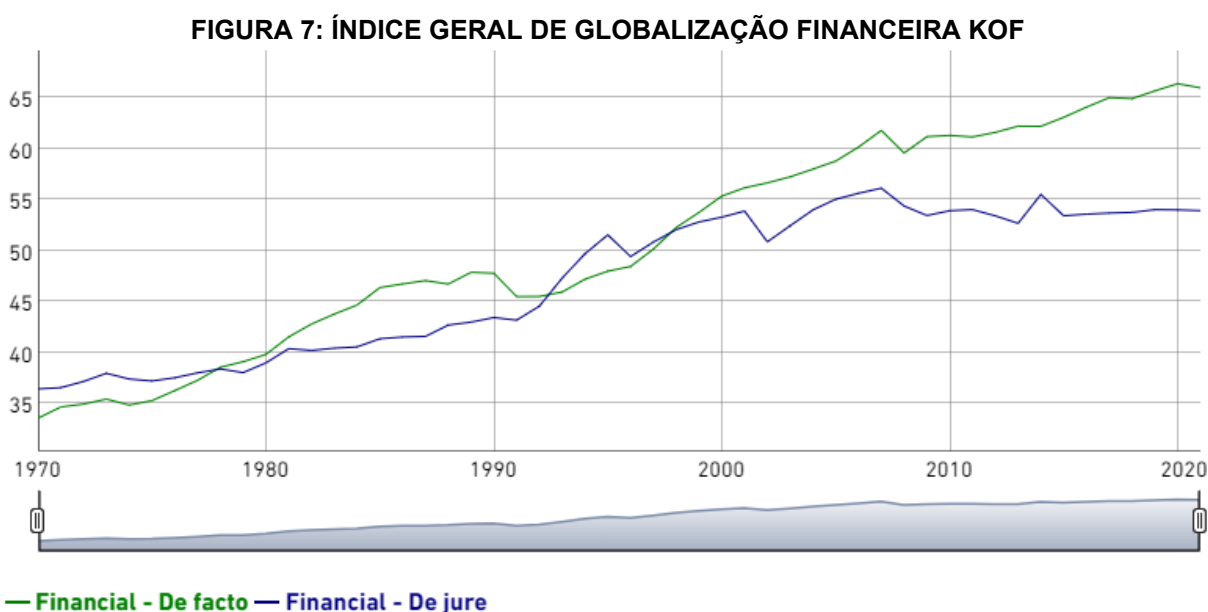
Algumas considerações sobre o assunto parecem pertinentes.

Ao detalharem as variáveis que compõem a **globalização comercial de facto**, Gygli *et al.* (2019) consignaram que elas se referem aos dados de trocas de bens e serviços a longas distâncias, medidos como uma parcela do PIB, levando-se em conta, ainda, a distribuição geográfica das ligações comerciais, favorecendo países cuja estrutura de exportação e importação é globalmente orientada, em detrimento de países que comercializam principalmente com outros de sua região.

Por sua vez, ao abordarem as variáveis que compõem a **globalização comercial *de jure***, os responsáveis pela atualização do índice informaram que elas se referem a políticas de facilitação e promoção dos fluxos comerciais entre os países, a partir de dados sobre a regulamentação comercial, impostos e tarifas sobre o comércio<sup>43</sup>, além de acordos de livre comércio.

Nesse contexto, o acentuado crescimento da globalização comercial *de jure* em meados da década de 1990, mais uma vez, coincide com o período que sucedeu o Consenso de Washington (1989), que, consoante analisado na seção 2.3.2, impôs a observância de diversas regras neoliberais aos países em desenvolvimento, como condição para acesso a recursos financeiros.

Direcionando luzes para a subdimensão financeira da globalização econômica, surge o seguinte gráfico:



Fonte: ETH Zurich – KOF Swiss Economic Institute

A **globalização financeira *de facto***, segundo realçado por Gygli *et al.* (2019), foi medida por fluxos de capital e estoques de ativos e passivos estrangeiros, incluindo-se variáveis sobre investimentos estrangeiros diretos, investimentos em

<sup>43</sup> Vale a pena fazer a distinção: de uma maneira geral, **impostos sobre o comércio** denominam as obrigações financeiras determinadas pelo governo aos seus cidadãos, com um caráter predominantemente fiscal (arrecadatório); enquanto **tarifas sobre o comércio** referem-se a obrigações financeiras diretamente vinculadas às exportações e importações, ostentando um caráter predominantemente extrafiscal (o objetivo principal não é arrecadar, mas promover determinada política).

portfólio, dívida internacional e reservas internacionais (exceto o ouro). Além disso, também foi incluída a soma de pagamentos e receitas de renda primária (decorrentes principalmente da provisão transfronteiriça de trabalho e capital) como proporção do PIB.

Ao explicarem a medição da **globalização financeira *de jure***, Gygli *et al.* (2019) relataram que usaram o índice Chinn-Ito (KAOPEN), já abordado neste trabalho, por ser o mais utilizado com base nos relatórios anuais do FMI sobre Acordos Cambiais e Restrições Cambiais (AREAER). Além dele, utilizaram também uma medição das restrições de investimento, baseada no Relatório de Competividade Global do WEF (Fórum Econômico Mundial), e o número de acordos internacionais de investimentos, para tentar capturar políticas potencialmente favoráveis aos fluxos de capital.

Após essa contextualização sobre a composição dos índices, a comparação entre a Figura 6 e a Figura 7 mostra algumas semelhanças e outras diferenças.

Entre as semelhanças, além da tendência geral positiva, é possível visualizar a forte aceleração ocorrida na globalização financeira *de jure* durante a década de 1990, atrelada ao mesmo cenário já descrito anteriormente para o aumento da globalização comercial *de jure*, ou seja, ampliação do alcance das regras neoliberais.

No que tange às diferenças, nota-se que a Crise de 2008 e a pandemia da Covid-19 parecem ter tido impactos distintos nos dois contextos (comercial e financeiro).

Do **ponto de vista comercial**, a Crise de 2008 deu início a uma forte retração das relações comerciais *de facto*, que foi seguida de uma razoável recuperação, mas novamente comprometida de maneira severa, agora pela pandemia da Covid-19, de modo que, desde 2008, o índice ainda não retornou ao patamar pré-Crise de 2008. Sob a perspectiva comercial *de jure*, nenhum dos dois eventos parece ter abalado as políticas de facilitação e promoção dos fluxos comerciais entre os países.

Por sua vez, do **ponto de vista financeiro**, a Crise de 2008, embora tenha gerado uma retração inicial dos fluxos de capital e estoque dos ativos e passivos estrangeiros, houve uma rápida retomada da tendência crescente, que não parece ter sido interrompida pela pandemia da Covid-19. Sob a perspectiva *de jure*, a globalização financeira, após uma pequena retração em 2008, parece ter assumido certa estabilidade, aparentemente também não perturbada pelo evento pandêmico.

Ademais, também chama a atenção que a globalização financeira *de facto*, nos tempos mais recentes, é bem superior à globalização financeira *de jure*.

Relacionando esses dados com o trabalho de Chinn e Ito (2008), surgem algumas hipóteses que podem justificar essa discrepância.

Ao observar ser extremamente difícil medir a extensão e a intensidade dos controles de capital no mundo real, os autores explicam que “As políticas de controle de capital são frequentemente implementadas sem objetivos políticos explícitos para controlar o volume e/ou tipo de fluxos de capital” (Chinn e Ito, 2008, p. 2), o que parece sugerir que as medidas *de jure* podem ser subdimensionadas. Além disso, citando discussão trazida Edwards (1999), eles também indicam ser frequente caso de o setor privado contornar as restrições da conta de capital, anulando o efeito esperado dos controles regulatórios de capital (é a realidade se impondo diante das normas jurídicas e descobrindo meios de o capital fluir).

Somando essas duas hipóteses, surge uma possível explicação para a globalização financeira *de facto* ser, já há algum tempo, superior à globalização financeira *de jure*.

O mesmo fenômeno não tem se verificado na globalização comercial. Ao menos desde a Crise de 2008, a integração comercial *de jure* tem se mostrado superior à integração comercial *de facto*.

Uma possibilidade explicativa reside, mais uma vez, na imposição da realidade diante das normas jurídicas: com a eclosão da crise e, posteriormente, com a pandemia, as trocas de bens e serviços a longas distâncias foram duramente afetadas (*de facto*), não importando muito que permanecessem existindo políticas de facilitação e promoção dos fluxos comerciais entre os países (*de jure*).

De toda forma, essas são meras possibilidades, trazidas apenas para enriquecer a discussão e evidenciar a complexidade do tema.

Para os propósitos do presente trabalho, a principal evidência extraída das figuras acima é a de que a globalização econômica, não obstante alguns percalços, permanece viva na sociedade.

Entretanto, também é possível notar que o seu ritmo de crescimento, desde 2008, reduziu bastante, aproximando-se de uma estagnação e, em alguns recortes, até de uma reversão.

Para chegar a essa conclusão basta olhar para todos os gráficos acima mostrados e, considerando que eles abrangem o mesmo período de 50 anos (1970-2020) e estão divididos em décadas, concentrar-se na última década (2010-2020) deles. É nítido que, mesmo quando há crescimento, este é lento.

A economia mundial, que vinha de algumas décadas de forte aceleração na integração, agora convive com uma realidade um tanto distinta. Assim, mesmo que os dados não mostrem um claro movimento de declínio da integração comercial e financeira, está evidenciada a mudança.

Não à toa, a prestigiada revista britânica, *The Economist*, publicou, ainda antes da pandemia da Covid-19, uma matéria cujo título era “*Slowbalisation*”, popularizando o termo, em referência justamente a essa diminuição do ritmo da globalização.

O novo momento é permeado, ainda, por eventos relacionados, que impõem mais desafios a uma possível retomada do ritmo anterior e suscitam dúvidas sobre futuro da integração econômica. A próxima subseção será dedicada a tais eventos, que podem impactar não apenas a globalização, mas especialmente a percepção social sobre ela.

## 4.2 UM POUCO ALÉM DOS DADOS

É bem verdade que os dados analisados na subseção anterior apontam muito mais para uma desaceleração da globalização do que para um movimento propriamente dito de reversão do quadro.

Todavia, conforme os próprios gráficos analisados também indicam, alguns eventos não podem ser ignorados, pois são capazes de produzir efeitos concretos na globalização, em maior ou menor escala, a depender do enfoque dado. Foi assim com a Crise de 2008 e também com a pandemia da Covid-19, para ficar apenas nos que talvez tenham sido os acontecimentos mais marcantes das últimas duas décadas.

Afinal, Economia é uma ciência social em sua essência, de modo que variados episódios que, dia após dia, ganham as manchetes dos noticiários, influenciam e por ela são influenciados.

Dessa forma, parece correto afirmar que muitos desses eventos interferem nas expectativas que as pessoas, as empresas e os governos formam sobre o futuro, podendo moldar o seu comportamento.

No início de 2016, por exemplo, o Reino Unido realizou um plebiscito, por meio do qual os eleitores britânicos decidiram a favor da saída do país do bloco econômico que constitui a União Europeia. A saída, conhecida como “*Brexit*”, foi efetivada no início de 2020 e simbolizou um duro golpe na era da globalização.

Recentemente, o *Financial Times* publicou uma reportagem, Foster (2024), cuja manchete já é bastante esclarecedora: “O *Brexit* está 'sufocando' exportações e importações, conclui relatório”.

A reportagem, baseada em modelagem realizada por pesquisadores da Universidade de Aston, Du *et al.* (2024), revelou que o *Brexit* provocou um impacto profundo e contínuo no comércio do Reino Unido com a União Europeia, tendo sido estimado que as exportações anuais daquela nação para o bloco econômico europeu se encontram 17% abaixo do nível que estariam caso a saída não tivesse ocorrido, enquanto as importações estão 23% aquém do que, hipoteticamente, estariam. E que esses impactos ainda estão aumentando.

No mesmo ano em que foi realizado o plebiscito a respeito do *Brexit*, do outro lado do Atlântico, Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, tendo iniciado o seu mandato em 2017, com diversas promessas ameaçadoras às “regras de ouro de globalização”.

Nesse sentido, conforme descrito por Stiglitz (2018), Trump prometeu renegociar acordos comerciais e firmar o poder de mercados dos Estados Unidos, impondo diversas barreiras comerciais às importações de determinados países, especialmente México e China.

Para o autor, “O raciocínio era simples: com menos importações (ou mais exportações), o emprego e os salários de seus constituintes aumentariam” (Stiglitz, 2018, p. 1, tradução nossa), discussão já abordada neste trabalho, na subseção 2.3.2.

Após o republicano encerrar o seu mandato e deixar a presidência americana, no início de 2021, após ser derrotado pelo democrata Joe Biden, voltou a se candidatar, neste ano de 2024 e, dessa vez, conseguiu retomar o poder, tendo sido eleito para governar os Estados Unidos a partir de 2025.

Em sua campanha, tal como em 2016, mais promessas de barreiras comerciais (política antiglobalização). Por outro lado, vive-se a expectativa de que ocorram desregulamentações em diversos setores da economia (política que pode ser classificada como pró-globalização).

Tudo isso foi enfatizado por Kasman (2024) em um *podcast* do J.P. Morgan, instituição financeira da qual ele é economista-chefe. Na ocasião, ele ressaltou que ainda é cedo para fazer previsões confiáveis, mas deixou claro que o mercado espera a imposição de algumas tarifas de importação, a princípio contra a China, mas que não descarta uma ampliação dessas barreiras para outros países com relação aos quais os EUA tenham déficit comercial, o que pode intensificar os conflitos comerciais ao redor do mundo.<sup>44</sup>

No mesmo episódio, a também economista Chang (2024) enfatizou que há promessas de desregulamentação em setores como bancos, indústrias, transporte e energia, o que tem puxado uma valorização dos ativos de empresas relacionadas. Para ela, o primeiro mandato de Trump não gerou uma desglobalização, mas apenas uma mudança nos padrões de comércio, com mais fragmentação e mais regionalização.

Então, embora ainda seja cedo para avaliar o real impacto das promessas de Trump para seu novo mandato, é inegável que a discussão em torno de uma eventual desglobalização tende a reacender.

Nesse intervalo de tempo, ainda é possível citar, como eventos de importância para o tema, a Guerra da Ucrânia, oficialmente iniciada no início de 2022, após a invasão do território ucraniano pela Rússia, contra a qual foram impostas diversas sanções por outros países ocidentais, liderados pelos Estados Unidos.

Sobre o assunto, Brancaccio e Califano (2023) anotam que logo após o início da invasão russa, a secretária do Tesouro dos EUA e ex-presidente do *Federal Reserve*, Janet Yellen questionou diretamente as liberdades incondicionais de circulação de mercadorias e capitais, base da globalização, propondo um

---

<sup>44</sup> Na realidade, a “guerra” comercial entre Estados Unidos e China já está em andamento. Conforme apontado por Dornelas (2024b), durante a gestão de Joe Biden, cujo mandato ainda não se encerrou, os americanos têm recorrido a medidas protecionistas, especialmente por meio de acentuados aumentos, anunciados em maio/2024, nas tarifas de importação incidentes sobre produtos chineses, nos seguintes setores: aço e alumínio (de 7,5% para 25%); semicondutores (de 25% para 50%); veículos elétricos (de 27,5% para 100%); baterias, componentes e peças (de 7,5% para 25%); painéis solares (de 25% para 50%); guindastes (de 0 para 25%); e produtos de EPI (de 7,5% para 25%).

fortalecimento das relações econômicas apenas entre nações “amigas”, o que ela chamou de “*friend-shoring*”.

No entanto, os autores pontuam que por trás das sanções, mais do que uma reprimenda pela guerra, parece haver uma consequência dos danos de abertura global dos mercados, com os Estados Unidos e a maioria dos países ocidentais acumulando déficits externos e posições estrangeiras passivas líquidas (já foi abordado, na subseção 3.2.1, que os americanos ocupam a posição de maior devedor do mundo), enquanto a China, e alguns emergentes e exportadores de energia (em parte, até a Rússia) acumularam superávits e créditos em relação a países estrangeiros, um desequilíbrio que, ao longo do tempo, fomentou uma reação protecionista dos países devedores.

Assim, eles finalizam o artigo sugerindo que a busca das causas para as sanções aplicadas contra a Rússia deve focar menos a própria guerra e mais uma “longa tendência, que parte da globalização e passa por desequilíbrios internacionais, centralizações inesperadas, reações protecionistas e sancionatórias e, eventualmente, contrarreações beligerantes.” (Brancaccio; Califano, 2023, p. 15, tradução nossa).<sup>45</sup>

E a lista de eventos de impacto poderia prosseguir quase que indefinidamente.

Acredita-se, todavia, que o ponto central da argumentação empreendida nesta subseção já está claro: a ideia não é ignorar os dados que mostram que a globalização, embora desacelerada, ainda permanece vigente, mas registrar que esse não deve ser encarado como um cenário estanque, uma vez que eventos desglobalizantes parecem ter se intensificado nos últimos anos.

Se, no futuro, terão força para reverberar nos dados, direcionando-os a uma persistente retração da integração comercial e financeira, ou se permanecerão confinados no discurso político, sem força para, de fato, reverter a força mais do que secular da globalização, só o tempo dirá.

---

<sup>45</sup> Texto original: (...) *long trend, which starts from globalization and goes through international imbalances, unexpected centralizations, protectionist and sanctioning reactions, and eventually belligerent counter-reactions.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consenso em ciências sociais é algo difícil de se alcançar, ainda mais quando o fenômeno objeto de estudo possui múltiplas dimensões, o que não é um cenário incomum de se deparar.

Este é o caso da globalização e do seu antagonista, a desglobalização.

Como se viu ao longo deste trabalho, o dissenso se manifesta prematuramente, já sobre o conceito do instituto, e permeia toda a discussão subsequente. O marco inicial da globalização é controverso; o da desglobalização também. Sobre as relações de causa e consequência de cada um, as divergências são ainda mais gritantes.

Conforme notou Stiglitz (2002), em citação trazida no início da subseção 2.3, as discordâncias são tantas que parece que os debatedores estão se debruçando sobre objetos distintos.

Mesmo nesse cenário, há algo difícil de negar: o processo de globalização existe. E impressiona. O aprofundamento das relações entre os países, ao longo dos séculos, é notável. Não apenas sob a perspectiva econômica, corte epistemológico deste trabalho, mas também sob as óticas política, social e cultural, a interconexão se fez cada vez mais presente.

É bem verdade que, ao longo da história, a humanidade passou por guerras e crises de toda espécie, que naturalmente atingiram o nível de integração econômica entre as nações. Mas também é verdade que a globalização se manteve de pé. E não apenas isso, sempre voltou com ainda mais vigor.

Até que veio a Crise de 2008 e, a partir dela, parece ter ganho vida uma nova narrativa. O golpe fatal, enfim, teria sido dado. A globalização, que resistiu a tanto, agora sairia de cena, cedendo o protagonismo para a desglobalização.

Será mesmo?

Analisando os dados com atenção, a narrativa parece não se sustentar. Não é possível afirmar que o nível de integração comercial e financeira entre os países esteja em amplo retrocesso. Nesse sentido, a desglobalização parece povoar muito mais o discurso político, quase sempre inflamado, do que a realidade fria mostrada pelos dados.

Não se quer dizer com isso que a desglobalização seja uma farsa. É bom sublinhar que não é disso que se trata.

O fenômeno, ainda que não tenha assumido o protagonismo, existe. Parece claro que ele não demonstrou força para suplantarmos a predominância mais do que secular da globalização, mas talvez seja prematuro fazer previsões sobre o seu futuro. Afinal, o mundo é dinâmico e cada vez mais complexo, de modo que as certezas de hoje podem sucumbir amanhã.

Entende-se que o propósito deste trabalho foi alcançado ao jogar luzes sobre a discussão e demonstrar, apoiado em dados, que o estágio atual, ao menos desde a Crise de 2008, é de uma lenta – às vezes até estagnada – globalização. Mas ainda assim uma globalização.

O estágio de retrocesso pode até vir a assumir o protagonismo um dia, é difícil precisar, mas o certo é que esse dia ainda não chegou.

Por enquanto, a previsão feita por Clinton há mais de duas décadas, reproduzida por Lacey (2000, p. 18, tradução nossa) e citada no início deste trabalho, tem se provado contra o tempo: “Então, a grande questão diante de nós não é se a globalização vai prosseguir, mas como.”<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Texto original: *The great question before us is not whether globalization will proceed, but how.*

## REFERÊNCIAS

- ALDRICH, Daniel. Taiwan inabalável: maior terremoto em 25 anos destaca preparação e aprendizado. **CNN**. Entrevista. Disponível em: <[Taiwan inabalável: maior terremoto em 25 anos destaca preparação e aprendizado | CNN Brasil](#)>.
- BAIROCH, Paul. **Economics and World History – Myths and Paradoxes**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.
- BAUMANN, Renato. Globalização, desglobalização e o Brasil. **Revista de Economia Política**, vol. 42, n.º 3, pp. 592-618, jul.-set., 2022.
- BELLO, Walden. **Deglobalization: ideas for a new world economy**. London: Zed Books Ltd., 2004.
- BHAGWATI, Jagdish. **Em defesa da globalização: como a globalização está ajudando ricos e pobres**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BRANCACCIO, Emiliano; CALIFANO, Andrea. *War, Sanctions, Deglobalization: Which Comes First?* **Revista Brasileira de Política Internacional**. Vol. 66. June 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7329202300104>>.
- BUHARI, Didem. *The Myth of Deglobalization: Definitional and Methodological Issues*. In: **Globalization: Past, Present, Future**, pp. 74-89. Berkeley: University of California Press, 2023.
- CAMPBELL, Charlie. *Inside the Taiwan Firm That Makes the Worlds Tech Run*. **Time Magazine**, out., 2021. Disponível em: <[Inside the World's Largest Semiconductor Chip Manufacturer | TIME](#)>
- CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CHANG, Joyce. *How Trump 2.0 could impact the global economy and markets*. **J.P. Morgan: Global Research**. November 14, 2024. Podcast. Disponível em: <<https://www.jpmorgan.com/insights/podcast-hub/research-recap/trump-impact-on-global-economy>>.
- CHANG, Wayne; GAN, Nectar; WATSON, Ivan. Taiwan inabalável: maior terremoto em 25 anos destaca preparação e aprendizado. **CNN**. Disponível em: <[Taiwan inabalável: maior terremoto em 25 anos destaca preparação e aprendizado | CNN Brasil](#)>.
- CHINN, Menzie D.; ITO, Hiro. *What Matters for Financial Development? Capital Controls, Institutions and Interactions*. **Journal of Development Economics**, pp. 163-192. Vol. 1. Issue 1. 2006.
- \_\_\_\_\_. *A New Measure of Financial Openness*. **Journal of Comparative Policy Analysis**, Volume 10, Issue 3, p. 309 – 322, September 2008.

\_\_\_\_\_. **Notes on The Chinn-Ito Financial Openness Index: 2021 Update.** Nov. 2023. Disponível em: < [Notes on](#) >.

DAUDIN, Guillaume; MORYS, Matthias; O'ROURKE, Kevin H. *Globalization, 1870–1914.* In: **The Cambridge Economic History of Modern Europe**, pp. 5-29. Cambridge: Cambridge University Press (CUP), 2010.

DORNELAS, Larissa Naves de Deus. *Renminbi liquidity arrangement between China and Bank for International Settlements and the International Monetary and Financial System.* **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 15, n. 71, p. 36-48, jul./set. 2024a. DOI: <<https://doi.org/10.22456/2178-8839.140513>>.

\_\_\_\_\_. China e a hegemonia econômica global em debate. **Jornal dos Economistas**, pp. 24-26, jul./2024b. Disponível em: < [8D0818A6B0D9FE8CC29FDCF56D4CE583.pdf](#) >.

DREHER, Axel. *Does Globalizations Affect Growth? Evidence from a new Index of Globalization.* **Research Paper Series**, n. 6. Thurgauer Wirtschaftsinstitut. Apr. 2005.

DU, Jun; LIU, Xingyi; SHEPOTYLO, Oleksandr; SHI, Yujie. *Unbound: UK Trade post-Brexit.* **Centre for Business Prosperity**. September 16, 2024. Disponível em: <[Full Report.pdf](#)>.

EDWARDS, Sebastian. *How effective are capital controls?* **Journal of Economic Perspectives**, pp. 65-84. Vol. 13, n. 4. 1999.

ETH ZÜRICH. **KOF Globalisation Index.** Disponível em: < [KOF Globalisation Index – KOF Swiss Economic Institute | ETH Zurich](#) >.

EVENETT, Simon J. *What Endgame for the Deglobalisation Narrative?* **Intereconomics**, Springer, Heidelberg, Vol. 57, Iss. 6, pp. 345-351. 2022. Disponível em: < [What Endgame for the Deglobalisation Narrative?](#) >

FLEURY, Afonso; FLEURY, Maria Tereza Leme Fleury. A reconfiguração das Cadeias Globais de Valor (*global value chains*) pós-pandemia. Impactos da pandemia. **Estudos Avançados**, n. 34, set.-dez., 2020.

FOROOHAR, Rana. **Homecoming: the path to prosperity in a post-global world.** New York: Crown, 2022a.

\_\_\_\_\_. My guide to a deglobalizing world. **Financial Times**. October 2022b.

\_\_\_\_\_. *After Neoliberalism: All Economics Is Local.* **Foreign Affairs**. November-December 2022c.

FOSTER, Peter. *Brexit is “stifling” exports and imports, report finds.* **Financial Times**. London, September 16, 2024. Disponível em: <[Brexit is ‘stifling’ exports and imports, report finds](#)>.

FRIEDMAN, Thomas L. **The Lexus and the Olive Tree**. New York: Anchor Books, 2000.

FUJII, Eiji. *What Does Trade Openness Measure?* **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, pp. 868-888. Vol. 81. Issue 4. Aug. 2019. Disponível em: < [What Does Trade Openness Measure?](#)>

GUJARATI, Damodar N.; PORTER, Dawn C. **Econometria Básica**. 5ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2011.

GYGLI, Savina; HAELG, Florian; POTRAFKE, Niklas; STURM, Jan-Egbert. *The KOF Globalisation Index – revisited*. **The Review International Organizations**. Vol. 14, 543–574. 2019.

HANSEN, Valerie. **O ano 1000: quando exploradores conectaram o mundo e a globalização iniciou**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021. E-book.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

HAUSBERGER, Bernd. **Historia Mínima de La Globalización Temprana**. Ciudad de México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2018.

KASMAN, Bruce. *How Trump 2.0 could impact the global economy and markets*. **J.P. Morgan: Global Research**. November 14, 2024. Podcast. Disponível em: <https://www.jpmorgan.com/insights/podcast-hub/research-recap/trump-impact-on-global-economy>.

KEYNES, John Maynard. **As consequências econômicas da paz**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

KRUEGER, Anne. *Globalization, Trade and Growth*. In: **Meeting Globalization's Challenges**. CATÃO, Luís A. V.; OBSTFELD, Maurice (orgs.). New Jersey: Princeton University Press, 2019.

KRUGMAN, Paul R. *Growing World Trade: Causes and Consequences*. In: **Brookings Papers on Economic Activity**, n. 1, pp. 327–62. Washington, DC: Brookings Institution, 1995.

\_\_\_\_\_. *Globalization: What Did We Miss?* In: **Meeting Globalization's Challenges**, pp. 113-120. Princeton: Princeton University Press, 2019.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. **Economia Internacional**. 10ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

LACEY, Marc. *Clinton, Winding Up Trip, Tells Developed Nations Not to Forget the World's Poor*. **The New York Times**, New York, 15 dez. 2000. Edição nacional, Seção A, p. 18. Disponível em: <[Clinton, Winding Up Trip, Tells Developed Nations Not to Forget the World's Poor - The New York Times](#)>

LEE; Hyun-Hoon; PARK, Donghyun. **Post-Covid Asia: Deglobalization, Fourth Industrial Revolution, and Sustainable Development**. Singapore: World Scientific Publishing Co. Pte. Ltd., 2021.

LEVINSON, Marc. **Fora da Caixa: como a globalização passou de mover coisas para disseminar ideias**. 1ª ed. São Paulo: Alta Books, 2021. E-book.

LYNN, Barry. *Unmade in America: The true cost of a global assembly line*. **Harper's Magazine**, pp. 33-41. Jun. 2002.

OCHONOGOR, Kenechukwu Nwuka; OSHO, G. Solomon; ANOKA, Cyril O.; OLUWAGBEMIGA, Ojumu. *The COVID-19 Pandemic and Supply Chain Disruptio. An Analysis of the Semiconductor Industry's Resilience*. **International Journal of Technical & Scientific Research Engineering**. Vol. 6, Issue 1, January-February 2023.

OUR WORLD IN DATA. **Real transport and communication costs**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/real-transport-and-communication-costs>.

\_\_\_\_\_. **Trade as a share of GDP**. 2024. Disponível em: <[Trade as a share of GDP, 1960 to 2022](#)>.

PEREIRA, Pedro Miguel Beirão. Desafios Geopolíticos da Indústria de Semicondutores. **Nação e Defesa**, n. 167, pp. 123-146, abr., 2024. Disponível em: <[PEREIRAPedroMiguelBeirao\\_Desafiosdaindustriadesemicondutores NeD 167 p 123 146.pdf](#)>

POTRAFKE, Niklas. *The Evidence on Globalisation*. **The World Economy**, pp. 509-552. 2015.

ROBERTSON, Roland. **Globalization: Social Theory and Global Culture**. London: Sage Publications, 1998.

RODRIK, Dani. **The globalization paradox**. New York: W. W. North and Company Inc., 2011.

\_\_\_\_\_. Populism and the economics of globalization. **Journal of International Business Policy**, pp. 12-33. Fev. 2018. Disponível em: <[Populism and the economics of globalization](#)>.

\_\_\_\_\_. The Need for a Global Trade Makeover. **Project Syndicate**. Dez. 2019. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/magazine/reforming-global-trade-system-by-dani-rodrik-2019-12>>.

SCHOLTE, Jan Aart. *What is Globalization? The Definitional Issue – Again*. **CSGR Working Paper n. 109/02**. Coventry: Centre for the Study of Globalisation and Regionalisation. Dez. 2002. Disponível em: <[wp10902.pdf \(warwick.ac.uk\)](#)>.

SLOBODIAN, Quinn. **Globalists: The end of empire and the birth of neoliberalism**. London: Harvard University Press, 2018.

CAVANAGH, John; MANDER, Jerry (orgs.) **Alternatives to Economic Globalization: a better world is possible**. 2nd ed. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2009.

STEARNS, Peter N. **Globalization in World History**. New York: Routledge, 2009.

STIGLITZ, Joseph E. **A globalização e seus malefícios**. São Paulo: Futura, 2002.

\_\_\_\_\_. *Trump and Globalization*. **Journal of Policy Modeling**, pp. 515-528. Vol. 40, Issue 3. May-June 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jpolmod.2018.03.006>>.

STRONG, Maurice. **Where on Earth are We Going?** New York: Texere LLC, 2001.

VAN BERGEIJK, Peter A. G. **Deglobalization 2.0: Trade and Openness During the Great Depression and the Great Recession**. Massachusetts: Edward Elgar Publishing, 2019.

\_\_\_\_\_. *Deglobalization and Resilience: A Historical Perspective*. **Critical Sociology**. Mai. 2024. Disponível em: < [Deglobalization and Resilience: A Historical Perspective - Peter A.G. Van Bergeijk, 2024](#)>.

WILLIAMSON, John. **Latin American Adjustment: How Much Has Happened?** Washington, D.C: Institute for International Economics, 1990.

ZEIHAN, Peter. **The end of the world is just the beginning: mapping the collapse of globalization**. New York: Harper Collins, 2022.